



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO CIÊNCIAS DA SAÚDE E BIOLÓGICAS**

ANA KAROLINA FERNANDES SILVA

**PLANTAS ALIMENTÍCIAS E TABUS ALIMENTARES ASSOCIADOS:
fatores de restrição e aspectos socioculturais (Uma revisão sistemática)**

**PETROLINA
2024**

ANA KAROLINA FERNANDES SILVA

PLANTAS ALIMENTÍCIAS E TABUS ALIMENTARES ASSOCIADOS:
fatores de restrição e aspectos socioculturais (Uma revisão sistemática)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde e Biológicas da Universidade Federal do Vale do São Francisco, como requisito para obtenção do título de Mestre (Área de Concentração em Ciências Ambientais, Tecnologia e Saúde, Linha de Pesquisa II: Biodiversidade, Tecnologia e Recursos Naturais).

Orientador: Prof. Dr. Ernani Machado de Freitas Lins Neto

Coorientador: Prof. Dr. Ferdinando Oliveira Carvalho

PETROLINA-PE

2024

S586	Silva, Ana Karolina Fernandes Plantas alimentícias e tabus alimentares associados: fatores de restrição e aspectos socioculturais (Uma revisão sistemática) / Ana Karolina Fernandes Silva. – Petrolina - PE, 2024. xi, 81 f. : il.
p	Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde e Biológicas) Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Petrolina, Petrolina-PE, 2024.
	Orientador: Prof. Dr. Ernani Machado de Freitas Lins Neto. Banca examinadora: Prof. Dr. Felipe Silva Ferreira, Profª. Drª. Lígia Helena Andrade.
	Inclui referências.
	1. Alimentos. 2. Restrições Alimentares. 3. Plantas medicinais. Título. II. Lins Neto, Ernani Machado de Freitas. III. Universidade Federal do Vale do São Francisco.
	CDD 641.3

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas da UNIVASF
Bibliotecária: Adriana Santos Magalhães CRB-4/2275

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PÓS-GRADUAÇÃO CIÊNCIAS DA SAÚDE E BIOLÓGICAS

FOLHA DE APROVAÇÃO

ANA KAROLINA FERNANDES SILVA

PLANTAS ALIMENTÍCIAS E TABUS ALIMENTARES ASSOCIADOS: FATORES DE RESTRIÇÃO E ASPECTOS SOCIOCULTURAIS (UMA REVISÃO SISTEMÁTICA)

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências com ênfase na linha de pesquisa: Biodiversidade, Tecnologia e Recursos Naturais, pela Universidade Federal do Vale do São Francisco.

Aprovada em: 29 de fevereiro de 2024

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente

 ERNANI MACHADO DE FREITAS LINS NETO
Data: 25/03/2024 22:14:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ernani Machado de Freitas Lins Neto, Doutor
Universidade Federal do Vale do São Francisco – UnivASF

Documento assinado digitalmente

 LIGIA HELENA DE ANDRADE
Data: 01/04/2024 21:03:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ligia Helena de Andrade, Doutora
Escola Estadual de Aplicação Professora Vanda de Souza Ferreira

Documento assinado digitalmente

 FELIPE SILVA FERREIRA
Data: 28/03/2024 19:10:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Felipe Silva Ferreira, Doutor
Universidade Federal do Vale do São Francisco – UnivASF

DEDICATÓRIA

À minha tia-avó Socorro, a quem me assemelho tanto e não pode, como eu, ter as mesmas oportunidades

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, pela oportunidade de somar aprendizados e experiências, conhecer pessoas tão especiais, dentro e fora do curso e que serão citadas em diversos momentos ao longo da vida.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde e Biológicas - PPGCSB, pelo suporte e acolhimento quando necessário, contribuindo não só para a conclusão do curso, mas que o mestrado pode ser uma etapa a ser alcançada quando formadas por pessoas que impulsionam outras pessoas.

Aos professores que, contribuíram para a minha formação profissional, mas também pessoal; em especial, o professor Ferdinando Carvalho, a professora Margaret Lira e a professora Márkilla Beckmann, do grupo de estudos de plantas ornamentais - GPOVASF, muito obrigada.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, por tornar financeiramente possível minha formação durante o curso. Ao professor Ernani Machado, por ter me apresentado um universo muito maior dentro da etnobotânica e que, com certeza me despertou para caminhos que pretendo seguir em um futuro próximo. Aos meus colegas e companheiros de turma, durante as aulas remotas e presenciais do último ano, também foram essenciais para a conclusão deste curso.

À minha família em Petrolina, que me acolheu durante um ano inteiro de curso; foram muito importantes nos momentos distantes de casa; agradeço em especial, à Ebbe e Bruno que estiveram sempre por perto. À minha tia Socorro, que não é só tia, é avó também, cuidou de mim durante a estadia em Petrolina, se fez presente mesmo quando não podia e tem minha gratidão por isso, estou aqui por ela e para ela. À minha mãe, que torce por mim e me incentiva a continuar mesmo quando quero desistir, feliz que tenha acompanhado até aqui.

Aos familiares que torceram e contribuíram de algum modo para que este trabalho fosse possível. Aos meus amigos, ainda que as responsabilidades e escolhas insistam em nos tomar o tempo que nos é tão curto, conseguimos nos fazer presente quando preciso. Em especial, Jessica e Bruna, por estarem sempre orgulhosas e na torcida por qualquer que seja a iniciativa que eu tome, obrigada por estarem comigo. A Ítalo, por ter sido apoio e cuidado quando necessário, agradeço por torcer por mim e por estar por perto.

EPÍGRAFE

"Toda vez que eu dou um passo, o mundo sai do lugar"

Siba

RESUMO

Os tabus, práticas e preferências alimentares estão estruturados em comportamentos desenvolvidos em relação à alimentação, compondo cada experiência pessoal e individual. Na alimentação, as manifestações simbólicas tornam-se necessárias para compreensão da realidade, sejam classificando os alimentos através de culturas alimentares, sejam determinando normas e prescrições quanto a forma de consumir os alimentos, compreendendo restrições, proibições e tabus que sociedades estabelecem para si. Presentes em tradições e percepções, os tabus alimentares podem influenciar o comportamento sobre o que e quem consome esses alimentos. Assim, a maneira que as pessoas se comportam, sentem e compreendem os alimentos é adequada a partir do ambiente que vivem, de práticas e crenças que podem vir a interferir na escolha da sua dieta. Diante dessas questões, o presente estudo propôs investigar através de uma revisão sistemática quais tabus alimentares estão associados a plantas alimentícias e os fatores de restrição que conectam tais práticas. Sendo importante caracterizar os tipos de tabus e as plantas associadas; o consumo em relação às práticas alimentares, compreendendo quais grupos estão sujeitos às restrições alimentares e a distribuição geográfica dos tabus descritos; e compreender os critérios que motivam as escolhas e tabus alimentares. A revisão sistemática foi realizada com base no *guideline Cochrane* e na ferramenta (PRISMA). Os estudos foram selecionados por meio de pesquisa nas bases de dados *Science Direct*, *Scopus* e *Web of Science*. Como critério de busca, a sintaxe utilizada foi: “*food taboos*” e “*food plants*” vinculados pelo operador booleano “*and*”. As buscas foram conduzidas de novembro de 2023 a janeiro de 2024. De acordo com os critérios de elegibilidade, os artigos foram selecionados a partir da avaliação dos títulos, seguida da leitura dos resumos. A seleção foi realizada por dois pesquisadores (revisão pareada). A triagem dos artigos encontrados nas bases de dados como a seleção pareada de títulos e resumos foi realizada por meio do software *Rayyan* (*Rayyan.ai*). Para avaliar o risco de viés, foi utilizado a ferramenta ROBIS (*Risk of Bias in Systematic Reviews*). Foram obtidos um total de 2.674 estudos publicados, com um total de 121 artigos lidos na íntegra e 12 estudos incluídos nesta revisão. Foram identificadas 42 espécies de plantas pertencentes a 28 famílias botânicas correlacionadas a algum tabu. O uso alimentício das plantas listadas tinha seu consumo restrito ou direcionado a consumidores específicos, em sua maioria mulheres (9 spp.), cerca de 21% das plantas citadas. As restrições mais evidentes estavam associadas em relação ao sexo e à saúde, onde a crença é fortemente representada pela relação que grupos possuem com seus antepassados e membros do clã, bem como seus tabus e normas. As mulheres foram as mais representadas em relação aos tabus e restrições. Associados à saúde, principalmente materna, certos alimentos são evitados para redução de riscos que possam afetar as mães e seus filhos. A crença foi considerada outro fator fortemente representado pela relação que grupos possuem com seus antepassados e membros do clã, bem como seus tabus e normas. O uso para proteção também foi considerado, onde plantas são utilizadas como amuletos e fontes divinas para realização de rituais e cura tradicional, desempenhando um papel essencialmente importante entre os indivíduos. Este estudo sugere expandir para a compreensão de tabus associados a plantas medicinais, sua finalidade de usos e composição dos constituintes químicos encontrados em suas partes, além de estudos aprofundados sobre espécies totêmicas contribuindo para uma perspectiva mais ampla sobre os tabus sobre o uso de plantas.

Palavras-chave: normas culturais; restrições alimentares; plantas tabus

ABSTRACT

Food taboos, practices and preferences are structured into behaviors developed in relation to food, making up each personal and individual experience. In food, symbolic manifestations become necessary to understand reality, whether classifying foods through food cultures, or determining norms and prescriptions regarding how to consume food, understanding restrictions, prohibitions and taboos that societies establish for themselves. Present in traditions and perceptions, food taboos can influence behavior regarding what and who consumes these foods. Thus, the way people behave, feel and understand food is appropriate based on the environment they live in, practices and beliefs that may interfere with the choice of their diet. Faced with these questions, the present study proposed to investigate, through a systematic review, which food taboos are associated with food plants and the restriction factors that connect such practices. It is important to characterize the types of taboos and associated plants; consumption in relation to dietary practices, understanding which groups are subject to dietary restrictions and the geographic distribution of the described taboos; and understand the criteria that motivate food choices and taboos. The systematic review was carried out based on the Cochrane guideline and the tool (PRISMA). The studies were selected through research in the Science Direct, Scopus and Web of Science databases. As search criteria, the syntax used was: "food taboos" and "food plants" linked by the Boolean operator "and". The searches were conducted from November 2023 to January 2024. According to the eligibility criteria, the articles were selected by evaluating the titles, followed by reading the abstracts. The selection was carried out by two researchers (paired review). The screening of articles found in the databases such as the paired selection of titles and abstracts was carried out using the Rayyan software (Rayyan.ai). To assess the risk of bias, the ROBIS (Risk of Bias in Systematic Reviews) tool was used. A total of 2,674 published studies were obtained, with a total of 121 articles read in full and 12 studies included in this review. 42 species of plants belonging to 28 botanical families correlated with some taboo were identified. The food use of the listed plants had their consumption restricted or directed to specific consumers, mostly women (9 spp.), around 21% of the plants mentioned. The most evident restrictions were associated with sex and health, where belief is strongly represented by the relationship that groups have with their ancestors and clan members, as well as their taboos and norms. Women were the most represented in relation to taboos and restrictions. Associated with health, especially maternal health, certain foods are avoided to reduce risks that may affect mothers and their children. Belief was considered another factor strongly represented by the relationship that groups have with their ancestors and clan members, as well as their taboos and norms. Use for protection was also considered, where plants are used as amulets and divine sources to perform rituals and traditional healing, playing an essentially important role among individuals. This study suggests expanding the understanding of taboos associated with medicinal plants, their intended uses and composition of the chemical constituents found in their parts, in addition to in-depth studies on totemic species contributing to a broader perspective on taboos on the use of plants.

Keywords: cultural norms; food restrictions; taboos plants

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 Levantamento de publicações identificadas nas bases de dados	30
Figura 2 Avaliação por citação de cada item de risco de viés para cada artigo analisado	31
Figura 3 Distribuição geográfica e hábito (formas de vida) das plantas identificadas	33
Figura 4 Principais partes utilizadas das plantas identificadas	33

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1 Critérios de avaliação de riscos de viés	29
Tabela 2 Tabus alimentares associados a plantas alimentícias identificadas	34

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA SOBRE TABUS ALIMENTARES.....	14
1.1 TABUS, CRENÇAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: Aspectos da antropologia cultural e social	14
1.2 TABUS ALIMENTARES: As sociedades e os alimentos.....	19
1.3 CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE ATRAVÉS DE TABUS: Proibições, proteção e totemismo	23
2 PLANTAS ALIMENTÍCIAS E TABUS ALIMENTARES ASSOCIADOS: fatores de restrição e aspectos socioculturais	26
2.1 INTRODUÇÃO.....	26
2.2 MATERIAL E MÉTODOS.....	28
2.2.1 Critérios de inclusão e exclusão de estudos	28
2.2.2 Análise de dados	29
3.1 RESULTADOS	30
4.1 DISCUSSÃO.....	40
4.1.1 Restrições alimentares relacionadas à saúde e gênero	41
4.2.1 Restrições alimentares relacionadas a crenças e práticas culturais	44
4.3.1 Restrições alimentares relacionadas a práticas totêmicas e ecológicas ...	47
5.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS	51
APÊNDICE A.....	59
APÊNDICE B.....	67

INTRODUÇÃO

Os tabus, práticas e preferências alimentares estão estruturados em comportamentos desenvolvidos em relação à alimentação, refletindo maneiras de pensar, hábitos e sabores que compõem cada experiência pessoal e individual (De La Cruz, 2020). Na alimentação, as manifestações simbólicas tornam-se necessárias para compreensão da realidade, sejam classificando os alimentos através de culturas alimentares, sejam determinando normas e prescrições quanto a forma de consumir os alimentos, compreendendo restrições, proibições e tabus que sociedades estabelecem para si (Garre, Sánchez, 2022).

A escolha dos alimentos e modos de preparo resultam em diferentes percepções de consumo (Sauerbronn, Teixeira, Lodi, 2019). Esse comportamento é também influenciado pelos tabus alimentares, presentes em tradições e percepções sobre o que e quem consome esses alimentos (Chakona; Shackleton, 2019; McNamara; Wood, 2019; Laksono; Wulandari, 2021). Nos hábitos alimentares, práticas tradicionais, tabus, padrões e normas sociais, presentes desde os primeiros anos de vida são moldados constantemente (Amoo, 2019). Dessa forma, a maneira que as pessoas se comportam, sentem e compreendem os alimentos é adequada a partir do ambiente que vivem, dos hábitos e crenças, que muitas vezes interfere na escolha da sua dieta (Onuorah; Ayo, 2003).

Sob influências socioculturais, alguns alimentos são preteridos ou causam repulsa em diversos grupos sociais; essa aversão compreende os tabus alimentares como marcadores sociais, capazes de distinguir sociedades e indivíduos, influenciando modos e comportamentos entre sociedades (Silva, 2007). Diante disso, a escolha dos alimentos indica certa complexidade e pode ser influenciada por diversos fatores, além do acesso aos alimentos, como simbologias e práticas culturais (Lima et. al, 2016).

As restrições e tabus alimentares tem contribuído para o debate ecológico cultural incluindo perspectivas materialistas, utilitaristas, estruturais e simbólicas, comportando estudos de conservação da biodiversidade, mecanismos sociais influenciados pela cultura e gestão de recursos naturais (Begossi, 1992; Colding; Folke, 1997). Ante o exposto, busca-se com este trabalho compreender os fundamentos que promovem a percepção de tabus alimentares na sociedade, a partir de seus precursores na antropologia social e cultural, construindo um pensamento livre de estigmas sociais relacionados aos alimentos e seus tabus.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA SOBRE TABUS ALIMENTARES

1.1 TABUS, CRENÇAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: Aspectos da antropologia cultural e social

De origem polinésia, a palavra "tabu" não exprime definição exata. De modo semelhante, os termos "sacer", corrente entre os antigos romanos, "*αγοζ*" para os gregos e "kodausch" pelos hebreus (Freud, 1913). É compreendido como algo que remete a proibições e restrições. Logo, representa normas sociais não escritas de sociedades, regendo ou desencorajando comportamentos e ações de indivíduos (Freud, 1913; Colding; Folke, 1997; Evans; Avery; Pederson, 2000). Pode ser compreendido ainda como "aquilo que, por convenção ético-religiosa é proibido ou invulnerável" (Cunha, 2012), ou mesmo como "obediência transmitida diante de certas proibições mantidas pela tribo, clã, grupo ou sociedade" (Freud, 1913, p. 19).

O termo "tabu" concentra-se em práticas sociais relacionadas a obediência e comportamentos específicos acerca de situações adversas. Atenta-se em proteger tanto os indivíduos como a sociedade de potenciais riscos causados por outros elementos (Steiner, 2013). Relacionado a normas sociais que regem as ações humanas, considerando instituições informais locais que restringem e definem o uso de recursos e ecossistemas entre comunidades humanas (Colding; Folke, 1997).

Algumas restrições, que não são necessariamente tabus, são adotadas para moderar ações dos indivíduos, como por exemplo, tocar em recém-nascidos ou em figuras de posição como chefes e líderes; a utilização das mãos para se alimentar; o uso de utensílios no preparo da comida e contato com alguns alimentos (Brown, 1969). Tais práticas podem ser convertidas em tabus, muitas vezes considerando punições e perigos por parte de quem descumprir tais normas (Evans; Avery; Pederson, 2000).

Com reflexões da antropologia social, Freud (1913) busca justificar os processos da civilização através de tabus, os expressando em forma de restrições, distinguindo entre as proibições religiosas e morais. Estas, são atribuídas ao mandamento divino ou a um sistema que revele a necessidade de renúncias e que também respalde essa necessidade. De origem desconhecida, as proibições do tabu prescindem qualquer fundamento e são inerentes àqueles que estão sob seu domínio.

Seguindo o percurso, o termo tabu é relacionado a costumes, considerando as limitações ou proibições rituais, atuando como regras de conduta. Estão associadas a crenças em que a violação de determinada norma torne ao indivíduo por tal comportamento, sujeitando-o a situações indesejáveis (Brown, 1969). Assim, declara que:

qualquer pessoa, coisa material, lugar, palavra ou nome, ocasião ou evento, um dia da semana ou um período do ano, que é objeto de evitação ritual ou tabu, pode-se dizer que tem valor ritual (Brown, 1969, p. 159).

As sociedades humanas foram constituídas através de “conhecimentos, moral, leis, artes, crenças, hábitos e capacidades” (Teixeira; Aranega, 2016, p. 66.), progredindo através de modificação natural que precedem necessidades de transformações sociais para que se alcance o bem comum. Contudo, os tabus têm contribuído para o estabelecimento e compreensão de normas que regem a vida em sociedade, indicando a separação entre o sagrado e o secular, um espaço de contato com o imaterial e forças metafísicas (Banon, 2011). Sob essa perspectiva, Freud (1913) distingue a diversidade de tabus como:

1) um tabu *natural* ou direto, que é o resultado de uma força misteriosa (*mana*) que adere a uma pessoa ou a uma coisa; 2) um tabu comunicado ou indireto, que também parte daquela força, mas ou a) é adquirido ou b) transmitido por um sacerdote, um chefe ou outra pessoa; por fim 3) um tabu que ocupa um lugar intermediário entre os outros dois, isto é, quando os dois fatores entram em consideração, como por exemplo na apropriação de uma mulher por um homem (...) (Freud, 1913, p. 59).

Com múltiplas finalidades, os tabus representam meios de proteção para pessoas importantes como chefes e sacerdotes, assim como objetos e semelhantes contra algum tipo de dano (Freud, 1913). Também ocorre com mulheres e crianças (Chakona; Shackleton, 2019); no contato ou aproximação de cadáveres (Auchter, 2017); através do consumo de alimentos inapropriados ou proibidos, em diversas fases da vida (Alonso; Cockx; Swinnen, 2018; Mcnamara; Wood, 2019).

Entre os tabus fundadores, o tabu do incesto, de mais amplo conhecimento e que permanece entre debates antropológicos nos tempos modernos, ocupou espaços nas academias de estudos sociais, proporcionando uma interação mais acessível e sem preconceitos entre as ciências (Wencenlau; Strauss, 2012). Este tabu consiste em

considerar proibido o intercurso sexual entre pessoas com grau de parentesco em que o casamento não é permitido (Banon, 2011).

Carter (2019) complementa que a proximidade consanguínea e as categorias de parentesco não são suficientes para classificar tal prática como incesto. Aponta um terceiro conjunto que, de igual modo, é proibido e considerado tabu: o parentesco não consanguíneo. Estes indivíduos seriam familiares temporários, de relevância proporcional entre parentes, pois, em casos de abuso sexual envolvendo crianças e adolescentes, são equivalentes.

Outros tabus são semelhantemente descritos como responsáveis por sustentar proibições, principalmente quando associados a algum tipo de punição por desobediência ou violação de determinada norma. Dessa forma, o castigo envolvia outros membros da sociedade ou atribuía à própria consciência a prática de autopunição (Fershtman; Gneezy; Hoffman, 2011; Freud, 1913).

A concepção a partir do autoinfligir em relação ao descumprimento do tabu que é distintamente amplo, para Freud (1913, p. 70), "quem transgrediu um tabu se tornou ele próprio tabu por isso", pressupondo que o castigo pela violação de determinado tabu é inherente àquele que praticou. Um castigo sobrenatural, por exemplo, pode atingir um homem que por concupiscência tomar uma jovem virgem e ao violar seu corpo, este homem está destinado a um perigo mortal (Banon, 2011).

O tabu da virgindade representa uma suposta integridade de corpo e alma (Banon, 2011), mas que atua como um mecanismo a fim de controlar e decidir sobre a vida da mulher, ditando de que forma pode sentir, desejar, compreender e perceber as coisas (Ganim, 2015). A veneração à virgindade tem se estruturado em aspectos culturais, mas também sociais, permitindo que este controle defina a mulher e não o oposto. Assim é apresentado por Sharifi (2018), com mulheres iranianas sobre o estigma social da virgindade feminina que, para estas, seguir as normas impostas pela regra social aumentam as chances de realizarem bons casamentos e atingir expectativas familiares e sociais.

Entre os tabus universais, os tabus menstruais recorrem ao contato restrito de mulheres nesse período, o sangue é associado à impureza e perigo, impedindo que estas compartilhem tarefas e lugares com outras pessoas (Frandsen, 2007). Na Índia, mulheres são proibidas de preparar alimentos, manusear utensílios domésticos, participar de espaços sagrados (sala de puja) e práticas de colheita ocasionando a perda da safra

(Sukumar, 2020). Tal interpretação leva a compreender a menstruação como aspecto contaminante, relacionando a incapacidade reprodutiva feminina à morte e a possibilidade de não gerar descendentes para o grupo (Morales, 2016).

A morte, enquanto tabu, assombra a humanidade assim que esta foi tomada pela consciência de sua existência, ainda que seja impossível de evitá-la (Banon, 2011). Surgiu como uma forma de impureza entre sociedades gregas em um período repleto de conflitos políticos, treinamentos militares, atividades atléticas, bem como confrontos e guerras (Colclough, 2017).

A evitação era relacionada às circunstâncias em que indivíduos se deparavam com a morte, fossem através da religião, na crença após morte, nas vestimentas como representação de luto ou na substituição de sacerdotes por médicos ao notificar familiares (Chapple; Ziebland; Hawton, 2015). Foram por muito tempo associadas a melancolia e pesar, poupando a muitos a discussão sobre a morte (Chapple; Ziebland; Hawton, 2015).

Relacionados a outros tabus, a morte está entre os resultados de punição entre indivíduos que violem alguma restrição antes estabelecida, assim como problemas de saúde e outras punições imagináveis (Arzoaquoi *et. al.*, 2015). Como consequência por seus atos, sociedades ou indivíduos que, por exemplo, consumam alimentos proibidos, estão sujeitos a adversidades oriundas de tal violação (Ekwochi *et.al.*, 2016).

Já os tabus alimentares, são relacionados em grande maioria às mulheres, em geral, respeitivo à fase reprodutiva (Siddharatha; Reetinder, 2013). Ocorrendo em períodos específicos da vida, as restrições alimentares podem ser observadas na menstruação, gravidez e puerpério (Begossi 1992; Liu *et. al.*, 2006; Frandsen, 2007; Demitto *et. al.*, 2015; Köhler; Lambert; Biesalski, 2019).

Na gestação, bem como no pós parto, os tabus alimentares são praticados como método de proteção para as mães e seus bebês, embora a prática seja considerada prejudicial devido ao quadro de fragilidade energética e nutricional para essas mulheres (Köhler *et. al.*, 2018). Entre as mulheres Zulu – embora o consumo de frutas cítricas seja recomendado durante a alimentação materna, fica restrito na alimentação para evitar o aumento da acidez em recém-nascidos (Ramulondi; De Wet; Ntuli, 2021).

O consumo de vegetais escuros também pode ser proibido para evitar o escurecimento da pele de bebês (Chakrabarti; Chakrabarti, 2019). O jejum religioso dos cristãos ortodoxos na Etiópia, por exemplo, é considerado um problema para o setor leiteiro

concorrente e ao interesse de maior consumo de leite por crianças (D'haene; Vandevelde; Minten, 2021).

As práticas alimentares comportam regularmente regras que determinam quais alimentos consumir que, por sua vez, são conduzidos por práticas religiosas, indicando tabus absolutos e empregando para estes alimentos um valor simbólico e sagrado (Alonso, 2015). Compreendem um conjunto de normas em que alimentos ou combinações de alimentos não sejam consumidos e assim restritos a qualquer pessoa (Chakona; Shackleton, 2019).

Com o papel de reinterpretar e conferir significados esotéricos e transcedentais ao mundo, as crenças religiosas, passaram a atribuir concepções sobre os alimentos ultrapassando assim, a sua materialidade (Ezquibela, 2009). Dessa maneira, fortalecido pela construção social do conceito, o tabu passou a ser associado ao poder divino, porém, devido ser aplicado a outras proibições rituais, não é recomendado classificar como tabu o que deve ser conhecido por "proibição religiosa" (Freud, 1913).

Os tabus e práticas que distinguem o "sagrado" do "secular" ou "profano" são observados como pilares da vida representando meios em que sociedades se auto-inventam (Wagner, 2012). Assim, as civilizações moldaram costumes, utilizando-os para proibir, instruir e proteger pessoas ou coisas como resposta de socialização de indivíduos (Banon, 2011).

Na antropologia cultural, Talal Asad (1993), descreve essa percepção do religioso enquanto crença, em que a religião assume outra forma no mundo contemporâneo, considerando os processos históricos, principalmente àqueles derivados do cristianismo medieval, abandonando a estrutura conduzida por regras práticas e relacionado a processos específicos de poder e conhecimento.

Em estudo etnográfico, Geertz (2008) observou que seus informantes usavam suas crenças para esclarecer fenômenos ou até mesmo se convencerem que tais eventos pudesse ser explicados dentro de um conjunto de coisas aceitas. Se dispondo a abandonar essas crenças em favor de outras crenças da mesma natureza que mais fizessem sentido para eles. Assim, Geertz aponta que:

Considerar as crenças religiosas de alguns povos como tentativas de trazer acontecimentos anômalos ou experiências — morte, sonhos, fugas mentais, erupções vulcânicas ou infidelidade marital — para o círculo das coisas pelo menos potencialmente explicáveis parece recender a um tylorismo ou algo pior. Todavia, parece ser um fato que pelo menos alguns homens — provavelmente a grande

maioria — são incapazes de deixar sem esclarecimento os problemas de análise não esclarecidos, ou simplesmente olhar com assombro ou apatia para aspectos estranhos da paisagem do mundo, sem tentar desenvolver algumas noções, por mais fantásticas, inconsistentes ou simplistas que sejam, sobre a maneira como tais aspectos podem coadunar-se com seus experimentos mais comuns (Geertz, 2008, p. 54).

Dessa forma, esse conjunto de elementos aceitos para justificar suas crenças é alicerçado na religião. Não seguindo uma conduta arcaica do pensamento científico ou qualquer incumbência secular valorizada na realidade social atual do mundo, pelo contrário, se torna um espaço característico à prática e para crenças que não pode ser substanciado por nenhum outro (Asad, 2010). Assim, se estende aos diversos componentes que integram as religiões, como os padrões e códigos dietéticos (Ezquibela, 2009), considerando a importância de regulamentos de algumas tradições, maneiras de socialização e práticas rituais fundamentadas em diversos contextos relacionados à crença (Chagas *et. al*, 2022).

1.2 TABUS ALIMENTARES: As sociedades e os alimentos

Os tabus, enquanto regra social, não determinam o que deve ser feito, mas o que não é permitido fazer; está relacionado a uma proibição sem motivação, que não é passível de explicação, negociação ou discussão (Banon, 2011). Nos tabus alimentares, a evitação deliberada de alimentos pode estar relacionada a questões sociais e culturais de indivíduos para além de sua aceitação de recursos alimentares (Meyer-Rochow, 2009).

Para descrever os tabus alimentares, Maggiulli *et. al* (2022) sugere distribuir em três categorias: os produtos de origem animal e seus derivados; produtos vegetais, reunindo frutas, sementes, cereais, leguminosas e tubérculos; e os produtos processados e diversos, integrando alimentos compostos, modificados geneticamente ou industriais.

Comunidades restringem o consumo de alimentos processados e de baixa densidade de micronutrientes a fim de evitar doenças e complicações de saúde, principalmente de crianças (Johnso, 2023). Famílias na zona rural do Tajiquistão restringem o consumo de alimentos importados e processados, assim como leguminosas e frutas cultivados em condições inusais, devido à possibilidade de contaminação por agroquímicos capazes de causar problemas de saúde se consumidos (McNamara; Wood, 2019).

Nos tabus animais, a carne de porco é considerada tabu para consumo (Wormley, Cohen, 2022; Avieli, 2019; Köhler, Lambert, Biesalski, 2019; Meyer-Rochow, 2009). Isso se deve ao fato do animal ser um hospedeiro para parasitas causadores de doenças, além de conter concentrações de substâncias que são associadas à inflamações crônicas prejudiciais à saúde (Meyer-Rochow, 2009).

O tabu sobre o consumo de carne está relacionado ao ato público de matar, configurando uma resposta violenta de poder, portanto, também considerado um tabu (Banon, 2011). Assim é observado em proibições budistas, em que matar e consumir da carne de animais pode determinar castigos severos (Avieli, 2019).

Douglas (1966) argumenta que os tabus alimentares são elementos importantes para qualquer conjunto de classificação, ainda que não sejam possíveis todas as respostas sobre tabus em alimentos. Sociedades apontadas por não possuírem tabus alimentares carecem, na realidade, de processos de categorização, estruturas morais e ou limites sociais; a ausência desses processos conduz a uma interpretação que são estruturadas por indivíduos incivilizados e sem cultura (Avieli, 2019).

A cultura envolve o processo de correlacionar diferentes aspectos do mundo, tornando-se um fenômeno vasto e multifacetado de forma que toda cultura pode ser vista como um complexo processo de comparação (Castro, 2018). Muitos elementos, incluindo humanos, compartilham uma natureza dual, abrangendo aspectos culturais e naturais, que, para Descola (2016), distingui-los não é simples, mas podem ser compreendidos como:

É natural tudo que se produz sem a ação humana, aquilo que existiu antes do homem e que existirá depois dele, como os oceanos, as montanhas, as atmosferas e as florestas; é cultural tudo que é produzido pela ação humana, sejam objetos, ideias ou ainda certas coisas que estão a meio caminho entre os objetos e as ideias, aquilo que chamamos de instituições: um idioma, a Constituição francesa ou o sistema solar, por exemplo (Descola, 2016, p. 7).

O sistema simbólico, que envolve o conceito sobre o cultural, conduz o comportamento humano através de mecanismos de controle, planos, regras e instruções, além de símbolos e significados que são compartilhados dentro de uma comunidade (Veloso et. al, 2019). Os hábitos alimentares são também parte integrante desse sistema cultural (Leonardo, 2009). As sociedades determinam quais alimentos são aceitáveis ou inaceitáveis, moldando o comportamento através da cultura alimentar (Carneiro, 2005).

Tanto a tradição, quanto a inovação, desempenham um papel fundamental na formação de práticas alimentares dentro dessa estrutura cultural (Schneider, Ferrari, 2015).

A diversificação alimentar é considerada uma abordagem importante no combate à desnutrição e a prática dos tabus alimentares tem difundido o oposto (Walters; Bendulo; Stoecker, 2019; Arasimowicz, 2020). Os tabus alimentares se apresentam em diversas sociedades, no entanto, é possível que em qualquer lugar do mundo, uma comunidade, um povo, uma tribo, não faça uso de todo o potencial de recursos comestíveis onde habitam (Meyer-Rochow, 2009). A subutilização desses recursos pode ser observada quando relacionada aos alimentos regionais, apresentando considerável valor nutricional e contribuindo para uma alimentação rica e diversa, porém, o consumo é substanciado pelos tabus alimentares (Martins, 2010).

Aproximadamente 10% da diversidade vegetal encontrada em muitos ecossistemas é composta por plantas comestíveis, evidenciando o potencial alimentar desses recursos na dieta cotidiana ou complementar (Kinupp, Lorenzi, 2021; Albuquerque, Melo, 2018). Segundo a FAO (2019), apenas uma fração de 30.000 espécies de plantas são comestíveis, sendo aproximadamente 6.000 a 7.000 espécies cultivadas para alimentação. Contudo, hoje, a agricultura comercial concentra-se principalmente em apenas 150 dessas espécies e cerca de 30 espécies compõe a base alimentar humana (Shelef; Weisberg; Provenza, 2017).

Nos sistemas agrícolas tradicionais, as plantas são utilizadas para subsistência e continuidade de grupos, cumprindo a função essencial da base alimentar de todos os indivíduos (Kinupp, Barros, 2004; Amorozo, 2002). Na Terra Indígena Kaxinawá de Nova Olinda, nos sistemas de cultivo do povo Huni Kuin, foram encontradas cerca de 115 plantas comestíveis, sendo 50 dessas cultivadas pela comunidade e 65 utilizadas através do extrativismo local (Lanza *et. al.*, 2022). No Paraguai, entre as florestas tropicais, o povo Aché, com uma diversidade de recursos comestíveis entre animais, apenas 50 eram utilizados na dieta local e cerca de 40 entre plantas e insetos (Meyer-Rochow, 2009).

Devido sua importância nutricional e energética, as plantas estão sujeitas à seleção em detrimento de outras (Cruz *et. al.*, 2014). Em alguns casos, essa seleção quando relacionada aos aspectos socioculturais locais, tem o consumo de partes ou toda a planta restrito (Köhler *et. al.*, 2018). Com o mandacaru (*Cereus jamacaru* DC), a evitação está associada a ingestão das sementes em que pode causar problemas de saúde como

appendicite (Cruz; Peroni; Albuquerque, 2013). Folhas de vegetais verdes são proibidas à mulheres gestantes, evitando que as altas quantidades de ferro fragilizem a saúde de mães e recém-nascidos (Pérez; García, 2013). Em algumas sociedades, a comida consumida pode conter objeções e se tornar prejudicial diretamente para aqueles que escolhessem não obedecer essas proibições (Laksono; Wulandari, 2021).

Embora as normas para evitação de alimentos estejam relacionadas ao sabor, conveniência, ao modo de preparo, em conjunto com a conexão entre o corpo e aspectos sociais e culturais associados, estas orientam as preferências e a forma que os alimentos são selecionados (Koehler; Leonhaeuser, 2008; Canesqui, 2005). Para Harris (1979), os tabus alimentares ocorrem observando novas preferências alimentares supostamente irracionais e antieconômicas a partir do pensamento materialista. Essas preferências são compreendidas por Rozin (1995), como a escolha alimentar adaptativa, onde é construída com base em uma preferência inata por sabores doces e uma aversão a sabores amargos e até irritação por sabores picantes e ardosos (especiarias e tabaco).

Perpassa pela matéria cultural o modo que os alimentos são escolhidos, apreciados, processados ou preparados pela culinária, atestando se são elegíveis para serem comidos ou comestíveis (Canesqui, 2005). A predileção pode surgir a partir da variedade de alimentos disponíveis e as propriedades sensoriais que a comida pode despertar nos indivíduos diferenciando-se entre uso, gosto e preferências (Rozin, 1995). Assim classifica Rozin (1995):

“Uso” refere-se a se uma pessoa ou grupo consome um determinado alimento e em que quantidade. “Preferência” implica uma situação de escolha e refere-se a qual dos dois ou mais alimentos é escolhido. Pode-se preferir lagosta a batatas, mas pode-se consumir mais batatas devido ao preço ou à disponibilidade. “Gosto”, que normalmente é medido por meio de escalas verbais, refere-se a uma resposta afetiva à comida e constitui um dos determinantes da preferência (Rozin, 1995, p. 87).

Associado à relação com o alimento, a disponibilidade, predileção, formas de preparo (técnica e utensílios) e aversões alimentares, o comportamento alimentar envolve todas as formas possíveis de convivência com o alimento (Philippi, Alvarenga, 2004). Essa relação pode ser observada ainda em alimentos compreendidos como de baixa qualidade e baixo status social, como indica Albuquerque e Melo (2018), onde plantas utilizadas em períodos de escassez e estiagem como alternativa alimentar —conhecidas como alimentos emergenciais, de recursos não agricultáveis tornaram-se tabus. Dessa maneira, a evitação

continuada pode se estabelecer como uma tradição e ocasionalmente desencadear em um tabu alimentar (Meyer-Rochow, 2009).

Os fatores que contribuem para o estabelecimento de preferências e restrições, se fundamentam nos aspectos observados mediante estudos ecológicos, padrões culturais e sistemas de transmissão de comportamento, culminando em alguns casos na compreensão de processos de escolhas alimentares (Pezzuti, 2004). Contribuindo para a conservação de espécies específicas e gestão de recursos de subsistência que grupos humanos dependem (Colding; Folke, 2001).

1.3 CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE ATRAVÉS DE TABUS: Proibições, proteção e totemismo

Diversas ações de conservação ocorrem em sistemas socioecológicos atuando em variadas escalas temporais e espaciais (Gavin *et. al*, 2018). Enfatizadas por ecologistas que, a conservação biológica e a gestão dos ecossistemas demandam envolvimento humano para se tornarem eficazes, encontra na dinâmica desses sistemas, certo nível de complexidade (Colding; Folke, 2001; Liu *et. al*, 2007).

Comunidades e grupos africanos possuem associações culturais, espirituais e religiosas em ambientes naturais, em que espécies de animais e plantas são protegidos através de tabus que proíbem o contato, consumo e destruição (Ntiamoa-Baidu, 2008). Os tabus relacionados à natureza podem ser agrupados e utilizados para promover o discurso teórico acerca da conservação e gestão da natureza (Colding; Folke, 2001).

De acordo com Colding e Folke (2001), os tabus podem ser classificados segundo as funções que desempenham em um determinado grupo, são descritos como:

Tabus de segmento

O seguinte grupo de tabus aplica-se quando um grupo cultural proíbe a utilização de espécies específicas por períodos de tempo específicos para indivíduos humanos de uma determinada idade, sexo ou posição social. Assim, certos segmentos de uma população humana podem ser temporariamente proibidos de recolher e/ou consumir espécies. Os antropólogos referem-se frequentemente a tais tabus como tabus alimentares específicos.

Tabus temporais

A seguinte categoria de tabus aplica-se quando um grupo cultural proíbe o acesso a recursos durante determinados períodos de tempo. Os tabus podem ser impostos esporadicamente, diariamente ou semanalmente ou sazonalmente.

Tabus de método

A seguinte categoria de tabus aplica-se quando um grupo cultural proíbe o uso de certos métodos e técnicas de retirada de espécies. (...) certos tipos e métodos de artes são proibidos por tabus, especialmente aqueles que facilmente podem esgotar ou reduzir drasticamente o estoque de um recurso.

Tabus da história de vida

A seguinte categoria de tabus aplica-se quando um grupo cultural proíbe a utilização de certas fases vulneráveis da história de vida de uma espécie com base na sua idade, tamanho, sexo ou estado reprodutivo.

Tabus de espécies específicas

A seguinte categoria de tabus aplica-se quando um grupo cultural proíbe totalmente a matança e o uso prejudicial de espécies específicas, tanto no tempo como no espaço.

Tabus de habitat

A seguinte categoria de tabus aplica-se quando um grupo cultural regula tanto o acesso como a utilização de recursos de habitats específicos no espaço e no tempo. Uma floresta, parte de uma floresta, trecho costeiro, rio ou lagoa nunca pode ser subjugada à colheita, caça, pesca ou qualquer outro tipo de uso de recursos. (Colding; Folke, 2001).

Interligado aos tabus, as práticas totêmicas auxiliam na conservação de diversas espécies e visam garantir que comunidades mantenham acesso aos recursos naturais necessários em benefício das gerações presentes e futuras (Clemence; Chimininge, 2015). O totem pode ser compreendido como uma estrutura social religiosa que há muito foi desconsiderado como concreto e modificado por concepções mais novas (Freud, 1913). Abandonando os vestígios nas religiões, maneiras e costumes de povos civilizados, ainda demonstra influência entre sociedades e indivíduos (Freud, 1913).

Um totem corresponde a um animal, planta ou objeto que tem funções simbólicas para um clã ou comunidade, povos tribais ou tradicionais (Clemence; Chimininge, 2015). As plantas ou animais considerados como totêmicos ajudam ou protegem os ancestrais do clã, são reverenciados pelas pessoas e representam um vínculo místico ou ritual em determinados grupos, utilizados ainda como ferramenta de transmissão cultural e educacional (Palita; Panda; Nayak, 2023).

A veneração de elementos naturais, especialmente no sistema totêmico, contribuiu para as formas de vida em sociedade fossem essas separadas ou com vínculos e sistemas

conjugais únicos (Sivakumar; Nair; Jaya, 2014). Incumbidos de tarefas, os clãs, ao realizarem ritos ancestrais, consagravam um animal, uma planta ou item para garantir a proteção e sobrevivência do grupo, assim, os tabus relacionados a um totém, afetariam apenas os membros do clã a qual foi dedicado, não se estendendo a outros indivíduos (Banon, 2011).

Nas obrigações reprodutivas do clã e na busca por alimentos, os totens são apontados como um animal caçado temido ou perigoso, uma planta comestível ou qualquer alimento básico (Odeh, 2022). Quando um animal era aclamado como um totém, comer passava a ser proibido e em alguns casos, estes eram alimentados por membros do clã (Banon, 2011). Tanto os totens, quanto os tabus, estabelecem estratégias para moderar a exploração de espécies animais e de plantas, contribuindo inclusive para a proteção de florestas e bosques, considerados por muitos como sagrados por compreenderem valores e associações espirituais ou culturais (Mavhura; Mushure, 2019; Mandillah; Ekosse, 2018).

As superstições, crenças religiosas e tabus que se distingue entre várias sociedades humanas podem conduzir condutas eficazes para a preservação dos ecossistemas (Gómez, 2018). Característica observada nas medicinas tradicionais, por exemplo, correlacionando o sentido cultural dos indivíduos e das comunidades sociais à tradição que atua como protetora e condutora de conhecimentos e heranças para a posteridade, permitindo que esse conhecimento persistisse como elemento fundamental na identidade pessoal das sociedades ancestrais (Mena, 2005).

A utilização dos recursos regulados por tabus é relacionada desde a períodos de escassez de alimentos (Nascimento et. al., 2012), como a práticas religiosas que proíbem ou restringem para diversas finalidades além do uso alimentício (Gómez, 2018). A propagação desses costumes através das gerações esclarece a natureza dos tabus em vários grupos humanos e estende-se para além dos limites das comunidades individuais, precisamente em sociedades que permanecem profundamente enraizadas nas suas tradições (Laksono; Wulandari, 2021), conferindo aos tabus a atuação como influências sociais e culturais (Lima et. al, 2016; Gómez, 2018; Alonso; Cockx; Swinnen, 2018).

2 PLANTAS ALIMENTÍCIAS E TABUS ALIMENTARES ASSOCIADOS: fatores de restrição e aspectos socioculturais

2.1 INTRODUÇÃO

As restrições alimentares se fundamentam em sua maioria, em aspectos sociais e culturais (Colding; Folke, 2001; Chakona; Shackleton, 2019). A tradição das regras alimentares, presentes na religião e na cultura, em que os alimentos (plantas, animais, insetos) sejam recomendáveis para consumo e manutenção da saúde, é também compreendida como restritiva para alimentos prejudiciais para o corpo (Clemence; Chimininge, 2015; Otto; Henry, 2023).

Quando relacionadas à religião, as restrições alimentares, eram compreendidas como irracionalidades comportamentais, observadas na cultura tradicional, enfrentando barreiras de aceitação popular (Canesqui, 2005). Castro (1984) reforça que superstições alimentares, proibições e restrições de uso de alimentos específicos em períodos definidos, eram "puras sobrevivências culturais" de grupos sociais diante das interdições impostas.

Sob a perspectiva das proibições, os tabus alimentares consideram a adaptação econômica e ecológica para compreender o que concerne às restrições, ocorrendo em algumas religiões como o judaísmo e islamismo (Carneiro, 2003). Assim, os tabus alimentares passam a integrar um quadro cultural que categoriza o inadequado como impuro e potencial fonte de contaminação (Carneiro, 2003). Podem ser impostos aos indivíduos por estrangeiros, por membros do seu círculo familiar ou transmitido de geração em geração através de uma instrução direta (Meyer-Rochow, 2009; Lima et. al., 2016).

O campo das ciências humanas passou a abranger preceitos e tabus alimentares, concentrando-se no estudo dos costumes e percepções universais. Isto impulsionou estudos etnográficos sobre práticas alimentares, com o objetivo de decifrá-las e compreendê-las culturalmente (Carneiro, 2003). Importante distinguir entre tabus alimentares e hábitos alimentares, uma vez que os hábitos representam normas culturais e socioeconômicas contemporâneas em uma sociedade. Esses hábitos variam conforme ocorram mudanças nesses padrões (Ramalho; Saunders, 2000).

A escolha de alimentos é um processo moldado por diversos fatores que variam entre o acesso aos alimentos ao seu aspecto nutricional, acompanhando uma infinidade de símbolos e conotações em diversas culturas e contextos sociais (Lima et. al., 2016).

Algumas sociedades indicam alimentos como impróprios ou proibidos para o consumo humano, determinados através de normas e preceitos principalmente por precauções de saúde individual e coletiva (Golden; Comaroff, 2015). Estes alimentos estão presentes em diversas fases da vida, desde etapas reprodutivas de mulheres como em preparos ritualísticos de batalhas, caça, casamentos e eventos fúnebres (Meyer-Rochow, 2009).

A compreensão sobre preferências e restrições consiste em duas abordagens amparadas na antropologia ecológica¹, considerando debates integrativos e complementares (Begossi, 1992). Na perspectiva materialista, se baseia em aspectos ecológicos, biológicos e econômicos, compreendendo o papel adaptativo de práticas alimentares no ambiente que se inserem grupos humanos (Harris, 1979; Begossi, 1992; Almeida, 2017). Enquanto que na perspectiva simbólica, relaciona as restrições alimentares a estruturas sociais e suas percepções, como os tabus, seguindo ideologias e simbologias (Begossi, 1992; Sahlins, 2003; Canesqui, 2005).

Cada cultura possui práticas e tradições que contribuem para o bem-estar e formas de subsistência da sua comunidade. Os direitos à sabedoria não são exclusivos ou determinantes de qualquer outra cultura. Portanto, as práticas alimentares podem emergir de conhecimento nativo, racial e geográfico, combinados com crenças religiosas, mitos e superstições, levando a dietas locais diversas e distintas (Gómez, 2018).

Dessa forma, o presente estudo propôs investigar através de uma revisão sistemática quais tabus alimentares estão associados a plantas alimentícias e os fatores de restrição que conectam tais práticas. Sob a hipótese que os tabus se concentram em grupos com maiores inferências culturais, baseadas no conhecimento local e tradicional. Assim, sendo importante caracterizar os tipos de tabus e as plantas associadas (1), o consumo em relação às práticas alimentares, compreendendo quais grupos estão sujeitos às restrições alimentares (sexo, faixa etária, etnia) e a distribuição geográfica dos tabus descritos (2); e compreender os critérios que motivam as escolhas e tabus alimentares (3).

¹O conjunto de estudos, institucionalmente marcados no interior da antropologia, que buscam conhecer a diversidade e as similaridades das experiências humanas em relação a seus ambientes. (Foladori; Taks, 2004).

2.2 MATERIAL E MÉTODOS

A revisão sistemática foi realizada com base no guideline *Cochrane Handbook for Systematic Reviews of Interventions* e na ferramenta *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA). Os estudos potencialmente relevantes foram identificados por meio de uma pesquisa nas bases de dados *Science Direct*, *Scopus* e *Web of Science*.

Como critério de busca, a sintaxe utilizada foi: “*food taboos*” e “*food plants*” vinculados pelo operador booleano “and”. Os termos não padronizados foram selecionados a partir de consultas na literatura e pesquisados em inglês. Não foi utilizado limite de tempo na busca do banco de dados. As buscas concentraram por título, resumo e artigo (quando disponível a opção). Foram conduzidas de novembro de 2023 a janeiro de 2024.

2.2.1 Critérios de inclusão e exclusão de estudos

Foram incluídos na revisão os estudos que atenderam aos seguintes critérios de elegibilidade: 1) publicação em inglês; 2) objeto de estudo que apresentasse referência a plantas contendo: crenças associadas, presença de tabus alimentares, uso alimentício. Foram excluídas as publicações: 1) indisponíveis na íntegra; 2) resumos publicados em anais de congresso; 3) carta ao editor; 4) revisão de literatura; 5) revisão integrativa; 6) *scoping review*; 7) revisão sistemática com ou sem metanálise; 8) *overview* de revisão sistemática com ou sem metanálise; 9) capítulo de livro; 10) dissertação; 11) tese; 12) estudos em que a presença ou ausência de tabus para espécies de plantas não estavam claras; 13) artigos que não tratem especificamente de tabus com plantas.

De acordo com os critérios de elegibilidade, os artigos foram selecionados de acordo com a avaliação dos títulos, seguida da leitura dos resumos. Se o artigo era apropriado, era lido na íntegra. A seleção foi realizada por dois pesquisadores (revisão pareada), denominados Revisor 1 e Revisor 2. Em situações de desacordo entre os revisores, um terceiro revisor solucionou o desempate.

A triagem dos artigos encontrados nas bases de dados como a seleção pareada de títulos e resumos foi realizada por meio do software *Rayyan* (Ouzzani et. al. 2016). A tabulação dos dados foi realizada no LibreOffice Calc (versão 7.5.4), detalhando as

informações dos artigos como citação, país, delineamento do estudo, duração do estudo, nome da espécie, gênero, família, endemismo, parte utilizada, uso alimentício, descrição do tabu, sexo (mulheres e homens) e tipo de tabu (segundo classificação por Colding e Folke (2001).

2.2.2 Análise de dados

Os dados foram analisados qualitativamente, considerando a qualidade dos estudos (Medeiros, Ladio, Albuquerque, 2014), número de espécies citadas, descrição de tabus e uso alimentício das espécies. A nomenclatura correta e aceita das espécies foi certificada utilizando a plataforma *World Flora Online* (WFO, 2023).

Para avaliar o risco de viés, foi utilizado a ferramenta ROBIS (*Risk of Bias in Systematic Reviews*) (BRASIL, 2017), designado em quatro etapas para avaliação de risco²: 1) Delineamento e amostragem do estudo; 2) Área de estudo e público-alvo; 3) Análise de dados e 4) Associação de plantas a tabus alimentares (Tabela 1). A análise de qualidade do estudo foi realizada utilizando o software *Review Manager* (versão 5.4.1).

Tabela 1 Critérios de avaliação de riscos de viés

Critérios de avaliação de riscos de viés	Baixo risco	Moderado	Alto risco
1) Delineamento e amostragem do estudo	Todos os participantes entrevistados; Amostragem randomizada (erro 5%<)	Informações imprecisas sobre a presença dos participantes; Universo amostral (erro 5%>10%)	Informações incompletas sobre os participantes entrevistados; Universo amostral (erro 10%>)
2) Área de estudo e público-alvo	Informações detalhadas de localização e período; Descrição clara da comunidade, grupo ou povo (fotografias, mapas, figuras)	Não se aplica	Informações incompletas sobre a localização e período; Ausência de recursos descritivos
3) Análise de dados	Utilização de índices quantitativos e análises estatísticas	Utilização de índices qualitativos e análises estatísticas	Utilização de índices qualitativos
4) Associação de plantas a tabus alimentares	Clareza na descrição dos tabus; planta com nome científico usual	Informações imprecisas do tabu; planta com nome vernacular	Imprecisão do tabu

²CARVALHO, A. P. V.; SILVA, V.; GRANDE, A. J. Avaliação do risco de viés de ensaios clínicos randomizados pela ferramenta da colaboração Cochrane. *Diagn. tratamento*, 2013.

MEDEIROS, P. M.; LADIO, A. H.; ALBUQUERQUE, U. P. Sampling problems in Brazilian research: a critical evaluation of studies on medicinal plants. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v. 24, p. 103-109, 2014.

3.1 RESULTADOS

A pesquisa nas bases de dados apresentou um total de 2.674 estudos publicados a partir da sintaxe utilizada. Foram registrados 2.571 estudos na base de dados *ScienceDirect*, 65 na *Scopus* e 38 na *Web of Science*. Cerca de 319 foram excluídos por estarem duplicados, incluindo um total de 2.355 estudos para a análise de título. 2.189 artigos foram excluídos por não atenderem aos critérios de elegibilidade. Para a seleção através da leitura dos resumos, um terceiro revisor foi solicitado a analisar os 166 estudos em conflito incluídos na triagem inicial, sendo excluídos 33 artigos. Foram incluídos 133 artigos, sendo excluídos 12 estudos nesta etapa. Um total de 121 artigos foram lidos na íntegra e 12 estudos foram incluídos nesta revisão (Figura 1).

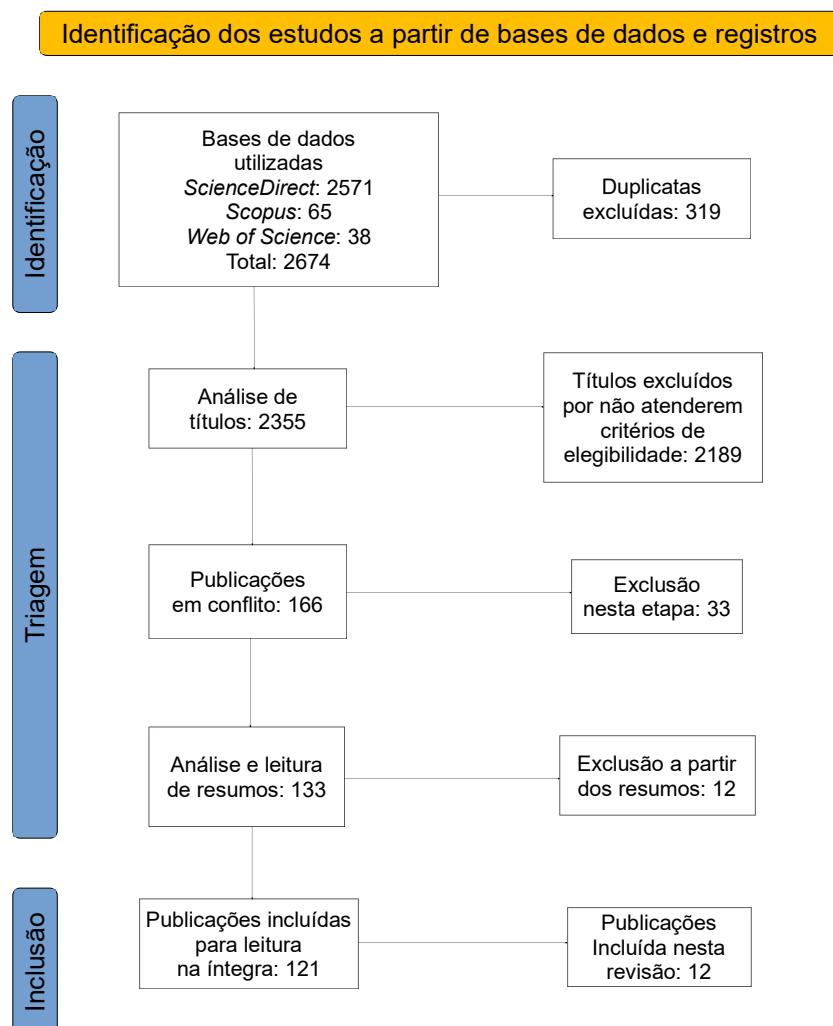


Figura 1 Levantamento de publicações identificadas nas bases de dados.

Para avaliação de concordância na revisão pareada foi utilizado o teste de Kappa (Perroca, Gaidzinski, 2003), referente a confiabilidade dos resultados obtidos entre os avaliadores (*interrater reliability*), correspondendo a $K= 0,94$, indicando concordância significativa na análise de títulos. Na análise de risco de viés, foi observado que 30% dos estudos apresentaram baixo risco de viés, 50% moderado e 20% alto risco de viés referente ao delineamento e amostragem dos estudos.

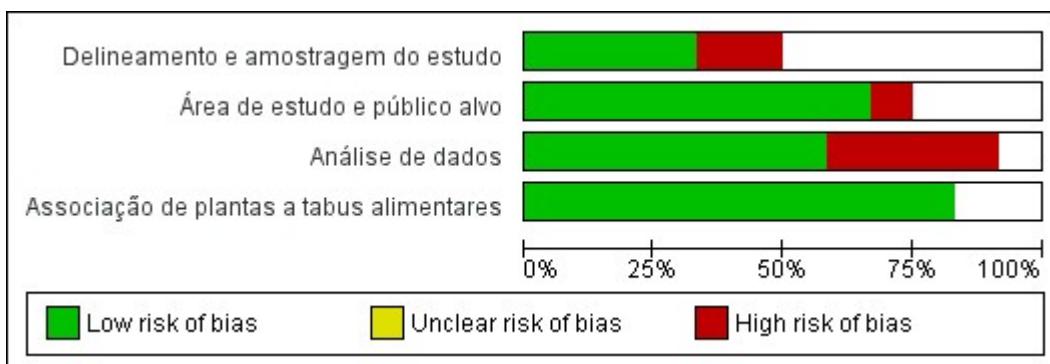
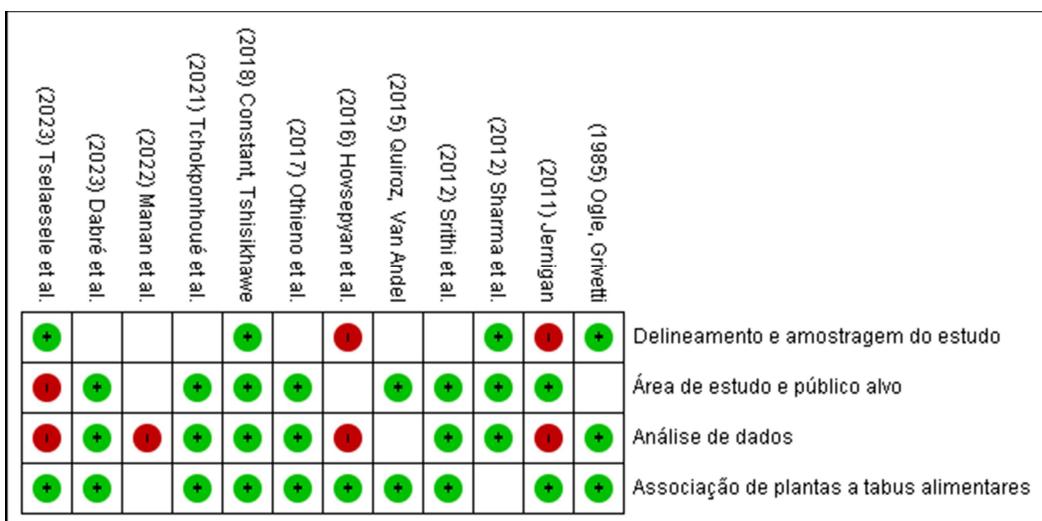


Figura 2 Avaliação por citação de cada item de risco de viés para cada artigo analisado

Em relação aos resultados acerca da área de estudo, 67% dos estudos apresentaram informações completas, seguidas de recursos de identificação das áreas, como mapas,

aspectos culturais e histórico da comunidade ou grupo onde a pesquisa foi desenvolvida. Cerca de 83% dos estudos indicaram com clareza a presença de tabus associados a plantas e 17% apresentaram moderado risco de viés acerca da caracterização dos tabus com plantas (Figura 2).

Foram identificadas 42 espécies de plantas pertencentes a 28 famílias botânicas correlacionadas a algum tabu. As famílias mais citadas foram Asteraceae (4 spp.), Cucurbitaceae (4 spp.), Fabaceae (4 spp.) e Poaceae (3 spp.). O uso alimentício das plantas listadas tinha seu consumo restrito ou direcionado a consumidores específicos, em sua maioria mulheres (9 spp.), cerca de 21% das plantas citadas (Tabela 2). O número de espécies corresponde a frequência em que são citadas, desconsiderando repetições.

Quanto a distribuição, o continente africano foi mais representativo em número de plantas identificadas cerca de 62%, seguido do continente asiático com 31%. Entre as formas de vida das espécies, 48% herbáceas e 33% árvores e arbustos, foram os hábitos mais citados entre as plantas listadas (Figura 3). Considerando que são utilizadas para alimentação, os frutos e folhas foram as partes mais utilizadas para o preparo de alimentos ou consumo *in natura*. Foi designado o termo “ambos” para as espécies que apresentavam outras partes utilizadas na alimentação além das citadas como flores e cascas. Três espécies indicavam uso, mas sem apontar quais partes eram utilizadas na alimentação (Figura 4).

Em relação aos tabus associados às plantas identificadas nesta revisão, a utilização para fins alimentícios destaca-se a precaução no manuseio da planta, evitando que o uso inadequado reflita como dano em quem as consumir. As restrições observadas estão relacionadas a formas e períodos de coleta de partes das plantas (frutos e folhas em maioria); grupos específicos (étnicos, faixa etária e sexo); crenças culturais e hábitos religiosos (práticas consideradas sagradas ou profanas) e práticas de saúde quanto a integridade física individual e coletiva (Tabela 2).

Na classificação a partir dos tipos de tabus, os tabus de segmento (TS) foram os mais representativos, indicando a presença para 34 plantas, indicando que as restrições observadas estão sujeitas a grupos sociais específicos, pouco evidentes, mas bem definidos. Em seguida, os tabus de métodos (TM) observados para 7 plantas e os tabus temporais (TT) para 1 planta. Razões que influenciam preferências alimentares estão fundamentadas em aspectos sociais, ecológicos, culturais e religiosos como apresentado

na construção deste trabalho. Entre os tipos de tabus, essas preferências são compreendidas em formas de restrições alimentares, aversões e práticas de evitação que envolvam alimentos proibidos para o consumo.

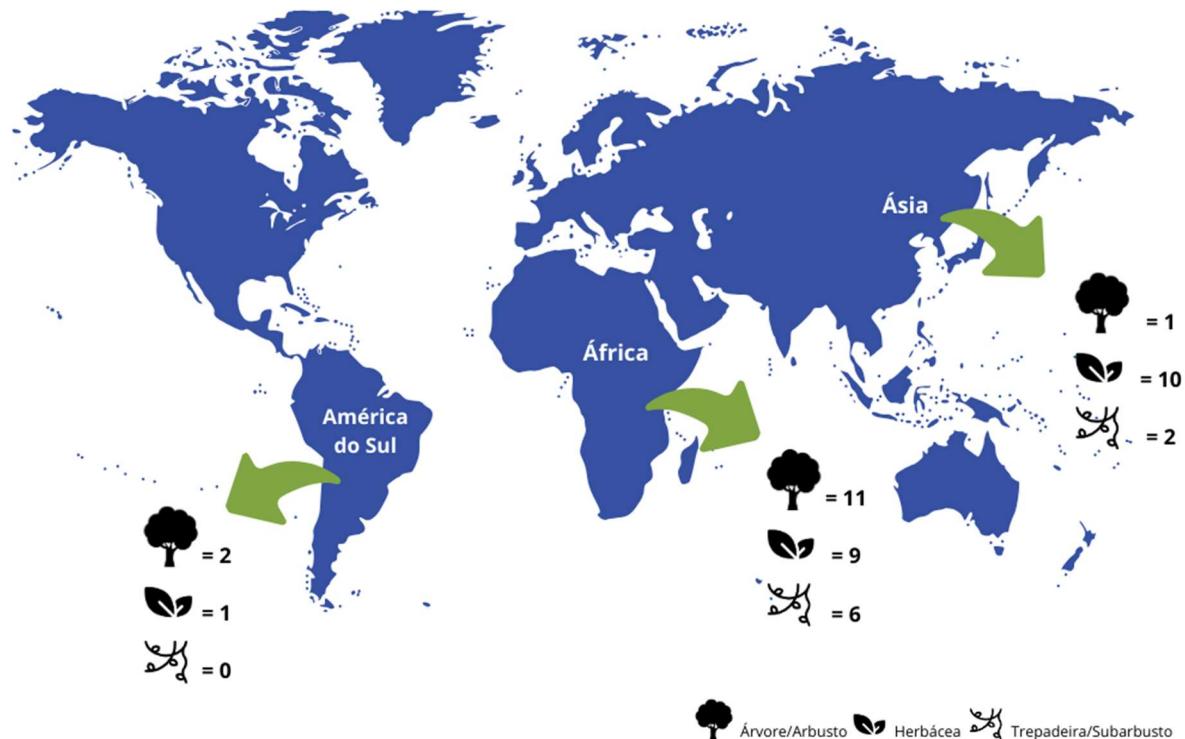


Figura 3 Distribuição geográfica e hábito (formas de vida) das plantas identificadas

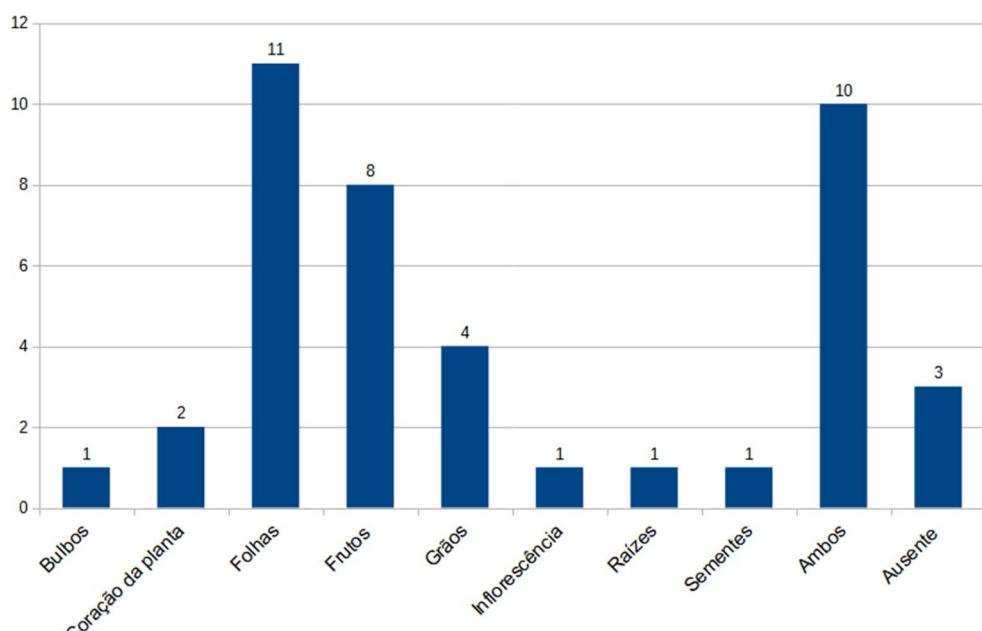


Figura 4 Principais partes utilizadas das plantas identificadas

Tabela 2. Tabus alimentares associados a plantas alimentícias identificadas

Família/Espécie	País	Tipo de tabu	Descrição do tabu	Sexo	Citação
Amaranthaceae/ <i>Amaranthus thunbergii</i> Moq.	Botsuana	TM	Proibido colher com as unhas, pois pode se tornar amargo.	H; M	TselaeSele et al. (2023)
Anacardiaceae/ <i>Sclerocarya birrea</i> (A.Rich.) Hochst.	Africa do Sul	TS	Os frutos só podem ser colhidos quando caídos no chão; caso contrário, os culpados teriam febre ou cobras apareceriam em suas propriedades. Apenas mulheres mais velhas que passaram pela menopausa têm permissão para colher as frutas.	M	Constant, Tshisikhawe (2018)
Annonaceae/ <i>Annona senegalensis</i> Pers.	Benin	TS	Alimento proibido para os iniciados do oráculo do <i>Fa</i> cujos sinais de iniciação eram governados por essas espécies.	H; M	Quiroz, Van Andel (2015)
Araceae/ <i>Colocasia esculenta</i> (L.) Schott	Gabão	TS	Alimento proibido para os adeptos do <i>Bwiti</i> .	H; M	Quiroz, Van Andel (2015)
Arecaceae/ <i>Elaeis guineensis</i> Jacq.	Benin	TS	Alimento proibido para os iniciados do oráculo do <i>Fa</i> cujos sinais de iniciação eram governados por essas espécies.	H; M	Quiroz, Van Andel (2015)
Asphodelaceae/ <i>Aloe saponaria</i> (Aiton) Haw.	Africa do Sul	TS	Famílias suazis com os sobrenomes <i>Matsenja, Mpamali, Ndzibandze e Nkozi Dlamini</i> , estes aloés específicos são proibidos, uma vez que as plantas devem ser "choradas quando alguém morre". Estas espécies são comumente usadas na Suazilândia para marcar túmulos	H; M	Ogle, Grivetti (1985)

Asphodelaceae/ <i>Aloe vanbalenii</i> Pillans	África do Sul	TS	Idem*	H; M	Ogle, Grivetti (1985)
Asteraceae/ <i>Lactuca sativa</i> L.	Armênia	TS	Proibido consumo de alimentos descritos no sagrado livro “Yezidi Black Book”. Estritamente proibida para a família e é considerada pecado. Proibido tocar e plantar em quintais.	H; M	Hovsepyan et al. (2016)
Asteraceae/ <i>Helianthus annuus</i> L.	Armênia	TM	Planta proibida, pois cospe-se as cascas ao comer as sementes.	H; M	Hovsepyan et al. (2016)
Asteraceae/ <i>Athrixia elata</i> Sond.	África do Sul	TS	Famílias com os sobrenomes <i>Mkhaliqi</i> , <i>Ndzibandze</i> e <i>Vilakati</i> deveriam rejeitar os chás <i>Athrixia</i> , já que seus nomes de família estão associados, linguisticamente, ao termo vernáculo para esta espécie (<i>luphephetse</i>)	H; M	Ogle, Grivetti (1985)
Asteraceae/ <i>Athrixia phylloides</i> DC.	África do Sul	TS	Idem*	H; M	Ogle, Grivetti (1985)
Balsaminaceae/ <i>Momordica balsamina</i> L.	Botswana	TS	Comido apenas por mulheres; Não usar faca para cortá-lo.	M	TselaeSele et al. (2023)
Bignoniaceae/ <i>Kigelia africana</i> (Lam.) Benth.	Botswana	TT	Proibido colher em outros períodos do dia exceto no início da manhã	H; M	TselaeSele et al. (2023)
Brassicaceae/ <i>Brassica oleracea</i> subsp. <i>capitata</i> (L.) Metzg.	Armênia	TS	Proibido consumo de alimentos descritos no sagrado livro “Yezidi Black Book”.	H; M	Hovsepyan et al. (2016)

Brassicaceae/ <i>Brassica oleracea</i> subsp. <i>botrytis</i> (L.) Metzg.	Armênia	TS	Estritamente proibidas para a família e é considerada pecado. Proibido tocar e plantar em quintais.	H; M	Hovsepyan <i>et al.</i> (2016)
Bromeliaceae/ <i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Gabão	TS	Alimento proibido para os adeptos do <i>Bwiti</i> .	H; M	Quiroz, Van Andel (2015)
Cannabaceae/ <i>Celtis toka</i> (Forssk.) Hepper & J.R.I.Wood	Burquina Fasso	TS	Proibido apontar ou passar por baixo da planta (povo <i>Dafi</i>)	H; M	Dabré <i>et al.</i> (2023)
Chrysobalanaceae/ <i>Maranthes chrysophylla</i> (Oliv.) Prance ex F.White	Gabão	TM	Proibido colher os frutos para qualquer adepto cujos pais ainda estivessem vivos.	H; M	Quiroz, Van Andel (2015)
Cleomaceae/ <i>Cleome gynandra</i> L.	Botswana	TM	Proibido colher com as unhas, pois pode se tornar amargo.	H; M	Tselaesele <i>et al.</i> (2023)
Crassulaceae/ <i>Kalanchoe laciniata</i> (L.) DC.	Tailândia	TS	Proibido para gestantes	M	Srithi <i>et al.</i> (2012)
Crassulaceae/ <i>Phedimus</i> sp.	Tailândia	TS	Idem*	M	Srithi <i>et al.</i> (2012)
Cucurbitaceae/ <i>Cucurbita pepo</i> L.	Armênia	TS	Proibido consumo de alimentos descritos no sagrado livro “ <i>Yezidi Black Book</i> ”.	H; M	Hovsepyan <i>et al.</i> (2016)
Cucurbitaceae/ <i>Cucurbita pepo</i> L.	Africa do Sul	TS	Não devem ser colhidas ou tocadas por mulheres menstruadas, caso contrário, acredita-se que o vegetal diminuirá de tamanho.	M	Constant, Tshisikhawe (2018)
Cucurbitaceae/ <i>Momordica boivinii</i> Baill	Africa do Sul	TS	Idem*	M	Constant, Tshisikhawe (2018)

Cucurbitaceae/ <i>Cucumis metuliferus</i> E.Mey. ex Naudin	Benin	TS	Alimento proibido para os iniciados do oráculo do <i>Fa</i> cujos sinais de iniciação eram governados por essas espécies.	H; M	Quiroz, Van Andel (2015)
Euphorbiaceae/ <i>Manihot esculenta</i> Crantz	Gabão	TS	Alimento proibido para os adeptos do <i>Bwiti</i> .	H; M	Quiroz, Van Andel (2015)
Fabaceae/ <i>Tamarindus indica</i> L.	Uganda	TS	Para o povo <i>Jopadholo</i> , é proibido meninas e mulheres maduras escalarem árvores de tamarindo, pode azedar os frutos.	M	Othieno <i>et al.</i> (2017)
Fabaceae/ <i>Vigna unguiculata</i> (L.) Walp	Botswana	TM	Proibido abrir as vagens com os dentes para evitar infestação ou ataque de roedores	H; M	TselaeSele <i>et al.</i> (2023)
Fabaceae/ <i>Vigna unguiculata</i> (L.) Walp.	Benin	TS	Alimento proibido para os iniciados do oráculo do <i>Fa</i> cujos sinais de iniciação eram governados por essas espécies.	H; M	Quiroz, Van Andel (2015)
Fabaceae/ <i>Phaseolus</i> spp. L.	Armênia	TS	Proibido consumo de alimentos descritos no sagrado livro “ <i>Yezidi Black Book</i> ”.	H; M	Hovsepyan <i>et al.</i> (2016)
Haemodoraceae/ <i>Xiphidium caeruleum</i> Aubl.	Tailândia	TS	Proibido para gestantes, pode causar contrações.	M	Srithi <i>et al.</i> (2012)
Liliaceae/ <i>Allium sativum</i> L.	Índia	TS	Comer alho em festivais religiosos é proibido.	H; M	Sharma <i>et al.</i> (2012)
Malpighiaceae/ <i>Banisteriopsis caapi</i> (Spruce ex Griseb.) C.V. Morton	Peru	TS	A dieta inadequada por antigo iquito ao tomar ácuta (<i>Banisteriopsis caapi</i>), poderia causar frequentemente erupções cutâneas.	H; M	Jernigan (2011)

Malvaceae/ <i>Abelmoschus esculentus</i> Moench	Armênia	TS	Proibido consumo de alimentos descritos no sagrado livro “Yezidi Black Book”.	H; M	Hovsepyan <i>et al.</i> (2016)
Moraceae/ <i>Ficus insipida</i> Willd.	Peru	TS	Proibido quebrar a dieta com ojé (<i>Ficus insipida</i>) pode enlouquecer enquanto a seiva branca e resinosa da árvore sai de todos os orifícios do corpo.	H; M	Jernigan (2011)
Nyctaginaceae/ <i>Mirabilis jalapa</i> L.	Tailândia	TS	Proibido consumir a erva durante a gravidez, pode causar aborto	M	Srithi <i>et al.</i> (2012)
Poaceae/ <i>Sorghum bicolor</i> (L.) Moench.	Botsuana	TM	Proibido comer até estar maduro para evitar a introdução de pragas	H; M	TselaeSele <i>et al.</i> (2023)
Poaceae/ <i>Sorghum bicolor</i> Kuntze	Benin	TS	Alimento proibido para os iniciados do oráculo do <i>Fa</i> cujos sinais de iniciação eram governados por essas espécies. É estritamente proibido defecar na junção do riacho para evitar “a ira do arroz”; proibido armadilhas e redes de pesca, pode atrair ratos ao arroz; proibido agricultores comerem e beberem enquanto se dirigem ao arrozal.	H; M	Quiroz, Van Andel (2015)
Poaceae/ <i>Oryza sativa</i> L.	Indonésia	TS	Proibido colher os frutos para qualquer adepto cujos pais ainda estivessem vivos.	H; M	Manan <i>et al.</i> (2022)
Rubiaceae/ <i>Massularia acuminata</i> (G.Don) Bullock ex Hoyle	Gabão	TM	Proibido urinar e atear fogo perto da árvore e tocar em suas raízes.	H; M	Quiroz, Van Andel (2015)
Sapotaceae/ <i>Synsepalum dulcificum</i> (Schumach. & Thonn.) Daniell	Benin e Gana	TS	Tchokponhoué <i>et al.</i> (2021)	H; M	

Solanaceae/ <i>Brunfelsia grandiflora</i> D. Don	Peru	TS	Proibido o consumo de açúcar logo após tomar <i>sanango</i> (<i>Brunfelsia grandiflora</i>), a pessoa apresentará manchas brancas na cabeça.	H; M	Jernigan (2011)
---	------	----	--	------	-----------------

TE= Tabus de espécies específicas; TH= Tabus de habitat; TM= Tabus de método; TS= Tabus de segmento; TT = Tabus temporais; TV= Tabus de história de vida. Idem* = Mesmo que citação anterior. H = Homens; M = Mulheres.

4.1 DISCUSSÃO

O presente estudo identificou 42 plantas de uso alimentício associadas a algum tabu. Ainda que apresentem restrições pouco evidentes quanto as espécies citadas, este estudo apresenta que tais práticas são direcionadas principalmente na forma em que as plantas ou suas partes são manuseadas e consumidas, além de indicar mulheres como o grupo com mais restrições alimentares fortemente presentes quando comparadas aos homens.

A diversidade de espécies identificadas implica na forma em que são utilizadas, na região em que são encontradas e por quem são consumidas, auxiliando a compreensão acerca dos tipos de tabus que estão associadas. Os tabus de segmento configuram restrições impostas por um grupo cultural à forma que espécies específicas podem ser utilizadas, desde a coleta ao consumo e sobre idade, sexo e status social dos indivíduos. Foram observados para as espécies de *Amaranthus thunbergii* Moq.; *Sclerocarya birrea* (A.Rich.) Hochst.; *Annona senegalensis* Pers.; *Colocasia esculenta* (L.) Schott.; *Elaeis guineensis* Jacq.; *Aloe saponaria* (Aiton) Haw.; *Aloe vanbalenii* Pillans.; *Lactuca sativa* L.; *Athrixia elata* Sond.; *Athrixia phylicoides* DC.; *Momordica balsamina* L.; *Brassica oleracea* subsp. *capitata* (L.) Metzg.; *Brassica oleracea* subsp. *botrytis* (L.) Metzg.; *Ananas comosus* (L.) Merr.; *Celtis toka* (Forssk.) Hepper & J.R.I.Wood.; *Kalanchoe laciniata* (L.) DC.; *Phedimus* sp.; *Cucurbita pepo* L.; *Momordica boivinii* Baill.; *Cucumis metuliferus* E.Mey. ex Naudin.; *Manihot esculenta* Crantz.; *Tamarindus indica* L.; *Vigna unguiculata* (L.) Walp. *Phaseolus* spp. L.; *Xiphidium caeruleum* Aubl.; *Allium sativum* L.; *Banisteriopsis caapi* (Spruce ex Griseb.) C.V. Morton.; *Abelmoschus esculentus* Moench.; *Ficus insipida* Willd.; *Mirabilis jalapa* L.; *Sorghum bicolor* Kuntze.; *Oryza sativa* L.; *Synsepalum dulcificum* (Schumach. & Thonn.) Daniell.; e *Brunfelsia grandiflora* D. Don.

Nos tabus de método, as restrições ocorrem através dos métodos e técnicas utilizadas para remoção das espécies onde o seu consumo é proibido por determinados grupos culturais. Assim, compreendem as espécies *Amaranthus thunbergii* Moq.; *Helianthus annuus* L.; *Maranthes chrysophylla* (Oliv.) Prance ex F.White.; *Cleome gynandra* L.; *Vigna unguiculata* (L.) Walp.; *Sorghum bicolor* (L.) Moench.; *Massularia acuminata* (G.Don) Bullock ex Hoyle. Nos tabus temporais, estes, estão presentes quando um grupo cultural limita a utilização de alguma espécie em períodos de tempo específicos, como observados na espécie *Kigelia africana* (Lam.) Benth.

4.1.1 Restrições alimentares relacionadas à saúde e gênero

As plantas são itens essenciais na alimentação diária, fornecendo nutrientes necessários para compor uma dieta saudável (Grusak; Dellapenna, 1999). Entretanto, em algumas regiões, a presença de tradições e tabus, impedem o consumo de plantas não cultivadas dificultando o seu conhecimento e potencial como fonte de alimento em comunidades locais (Guinand; Dechassa, 2000). Assim, ao relacionar plantas aos tabus alimentares, restrições são designadas para proteção de grupos e indivíduos do perigo iminente e problemas de saúde (Meyer-Rochow, 2009).

Na espécie *B. grandiflora*, é proibido o consumo de açúcar e consumir a planta em seguida quebrando a dieta, o indivíduo apresentará manchas brancas na cabeça. Segundo Škrabáková (2014), o suco das raízes e da casca é utilizado em práticas rituais por xamãs e em pequenas doses apresenta propriedades medicinais para tratamento de doenças reumáticas. É proibido quebrar a dieta com ojé (*F. insipida*), quem transgredir pode apresentar alucinações enquanto a seiva branca e resinosa da árvore sai de todos os orifícios do corpo. A dieta inadequada por antigo iquito ao tomar ácuta (*B. caapi*), poderia causar frequentemente erupções cutâneas.

Nas espécies *T. indica*, *C. pepo*, *M. boivinii*, *M. balsamina* e *S. birrea*, as mulheres são o principal grupo de interesse para restrições quanto ao consumo de alimentos. Para o povo *Jopadhola*³, a restrição para meninas e mulheres de escalarem árvores de *T. indica* está associada ao sabor dos frutos, tornando-se azedos em casos de violação da norma (Othieno et al., 2017). As folhas, flores e frutos de *C. pepo* e *M. boivinii* não devem ser colhidas ou tocadas por mulheres menstruadas, caso contrário, acredita-se que o vegetal diminuirá de tamanho (Constant, Tshisikhawe, 2018). Os frutos de *M. balsamina* apenas podem ser consumidos por mulheres, não sendo permitido utilizar faca para cortá-lo (Tselaesele, 2023). A coleta dos frutos de *S. birrea* ocorre apenas quando caídos no chão, permitido apenas por mulheres mais velhas que passaram pela menopausa (Constant, Tshisikhawe, 2018).

A presença de tabus alimentares nas fases da gravidez, desde o pré-natal ao nascimento da criança, atua como restrições para evitar complicações de saúde para a mãe

³Grupo étnico *Jopadhola*, que vive principalmente no condado de West Budama, distrito de Tororo, no leste de Uganda (Owor, 2012).

e o filho, reduzindo em certa medida os riscos do parto (Hoq *et al.*, 2019). O conhecimento de práticas tabus associadas aos alimentos, pode ser transmitido como tradição além de experiências próprias pelas mães e avós e por grupos sociais, onde pessoas mais velhas da comunidade detêm mais informações sobre os tabus (Chakona; Shackleton, 2019).

Na região de Papua, Indonésia, o consumo de alguns frutos para mulheres Muyu grávidas é proibido. Essas restrições são sinalizadas para a proteção do útero e do feto durante o período gestacional e de crianças logo ao nascer (Laksono; Wulandari, 2021). Nas espécies *K. laciniata*; *M. jalapa*; *Phedimus* sp. e *X. caeruleum*, as restrições estão associadas a intensidade de dores e contrações que podem resultar na interrupção involuntária da gravidez. É recomendado o consumo dessas espécies em geral, no puerpério, para tratamento de amenorreia e loquiação (Köhler *et al.*, 2018).

Observada nas plantas medicinais, a restrição em períodos reprodutivos é relacionada aos efeitos embriotóxicos e teratogênicos, capazes de contribuir para alterações no organismo e no desenvolvimento do feto (Campos *et al.*, 2023). Nas plantas alimentícias, algumas espécies —principalmente de uso não convencional e muitas vezes pouco discutidas sobre seus compostos fitoquímicos e técnicas de consumo, apresentam efeitos desagradáveis como constipação, processos inflamatórios e sinais de intoxicação (Meckelburg, Vigoder, Oliveira, 2021).

Vários constituintes químicos são relatados para *K. laciniata*, indicando a presença de flavonóides, derivados de patuletina aglicona, clorofilas, carotenóides e polissacarídeos (Fernandes *et al.* 2019). Assim como em espécies do gênero *Phedimus* sp., utilizadas como ornamentais, medicinais e alimentícias, podem apresentar flavonóides e ácidos fenólicos como compostos majoritários além de outras substâncias que caracterizam espécies da família Crassulaceae (Eid *et al.*, 2018; Liu *et al.*, 2021).

Em estudo realizado por Santana *et al.* (2023), foram encontrados terpenos, esteroides, derivados cinâmicos, açucares redutores, assim como flavonóides em folhas de *M. jalapa*, destacando sobretudo compostos fenólicos que contribuem para atividade antioxidante no organismo. Para *X. caeruleum*, flavonóides e compostos fenólicos são as principais substâncias encontradas nas folhas, parte mais utilizada para fins medicinais e alimentícios (Gaitén *et al.*, 2023).

Os compostos fenólicos podem ser encontrados em flores, frutas e vegetais, desempenhando atividade antioxidante, antiproliferativa, antimicrobiana e de modulação

enzimática (Da Silva, Bieski, 2018). No entanto, a presença de metabólitos secundários dessa classe como os flavonóides e derivados, possuem em certa medida, capacidade de desencadear processos que comprometam o desenvolvimento embrionário, levando a mutações e a interrupção da gravidez (Campos *et al.*, 2023).

A quantidade de estudos sobre as espécies supracitadas e seus tabus é ínfima, o que pode significar que para outros grupos sociais, tais espécies não desempenhem o mesmo papel e assim podem ser consumidas sem restrições. Todavia, a prática observada em tornar esses alimentos proibidos, é fortalecida na premissa abordada por Meyer-Rochow (2009) que um grupo, ao designar maneiras e normas de evitar o consumo de determinados alimentos estabelecidos através de tradições, estes, tornam-se tabus alimentares.

A relação entre os tabus alimentares e o sexo feminino pode estar relacionada à questões preventivas de saúde, principalmente àquelas observadas em mulheres em idade reprodutiva assegurando de complicações, além da relação com responsabilidades domésticas pelas quais as mulheres são incumbidas desde a juventude, entre essas, o preparo dos alimentos.

Os tabus alimentares, embora apresentem proibições e aversões ao consumo de determinados alimentos, são utilizados para proteger contra hábitos alimentares pouco saudáveis em mulheres grávidas, compreendendo um papel protetor e positivos dos tabus sobre a alimentação e saúde de mulheres (Iradukunda, 2020). Através da comunicação social, representações sociais como os tabus podem abranger grupos por meio de transmissão de conhecimento, práticas culturais e crenças sobre práticas alimentares (Monaco; Bonetto, 2019). Assim, dentro de uma alimentação restritiva imposta através de tabus sugere redução de riscos à saúde em que, mulheres grávidas, por exemplo, possam se expor durante essa fase (Ramulondi; De Wet; Ntuli, 2021).

As chances que mulheres em fase reprodutiva de apresentarem níveis de desnutrição são bem possíveis, diante da privação de alimentos específicos e comprometimento da saúde das mães (Köhler; Lambert; Biesalski, 2019). Para Pérez e García (2013), costumes, crenças e tabus têm contribuído para indicativos de desnutrição e identificada de diversas maneiras como a interrupção ou incapacidade de crescimento de crianças —muitas vezes levando à morte, escassez de recursos disponíveis para pessoas mais vulneráveis ou estigmas sociais locais.

Para Golden e Comaroff (2015), as restrições são capazes de beneficiar ou prejudicar a saúde e meios de subsistência, mediante certos comportamentos impostos por proibições e crenças. De igual modo constatado por Chakona e Shackleton (2019) que, embora diferentes grupos sociais apresentem crenças tradicionais sobre as restrições de determinados alimentos, estes podem trazer benefícios em variedade de usos.

4.2.1 Restrições alimentares relacionadas a crenças e práticas culturais

As práticas culturais relacionadas à alimentação, estão presentes nos regionalismos ou na cultura alimentar local, incluindo a ocorrência de crenças e tabus alimentares (Alvarenga *et al.*, 2021). Os tabus, quando derivados de crenças culturais e religiosas, passam a ser vistos como uma forma de proteção, desencadeando evidentes mudanças de comportamento e percepções (Meyer-Rochow, 2009).

Nas religiões, os alimentos integram partes de rituais, onde a religião se manifesta como representação coletiva na sociedade e o ritual, torna-se a maneira em que indivíduos consentem a esta realidade (Meglio, 2012). A escolha cuidadosa dos alimentos, através de oferendas sagradas e suas proibições, fundamentam o debate sobre os sistemas de crenças (Contreras, Arnaiz, 2005) que, para Puglisi (2014), são determinadas por expressões corporais como as práticas alimentares básicas, incorporando o simbolismo da comida e os tabus religiosos alimentícios.

A alimentação enquanto manifestação cultural, funciona como modeladora integrada a um sistema de crenças capaz de decidir quem pode, como e o que consumir (Lopes; Dos Santos, 2021). Nas religiões, estas categorias correspondem a abstinências de impedimento (não negociável) e de privação (desencorajado, mas não proibido) (Usarski; Teixeira; Passos, 2022).

Na região oeste e África central, a recolha dos frutos *M. chrysophylla* e *M. acuminata* é considerada proibida para qualquer indivíduo que ainda possua pais vivos. De acordo com Jugli *et al.* (2020), a percepção que doenças são causas por forças metafísicas, rituais são necessários para apaziguar a ira desses espíritos em caso de transgressão, sendo considerados presságios sobre membros da família.

Para as espécies *A. comosus*; *C. esculenta*; *M. esculenta*, as folhas, frutos e raízes, respectivamente, são alimentos proibidos para adeptos da religião Bwiti (Quiroz; Van Andel,

2015). De ocorrência no continente africano, acreditam essencialmente na relação com antepassados (Ndoua; Vaghar, 2018). As restrições se estendem para os adeptos do oráculo Fa, cuja as espécies *A. senegalensis*; *E. guineensis*; *C. metuliferus*; *V. unguiculata* e *S. bicolor*, são utilizadas nos ritos de iniciação proibindo seu consumo (Quiroz; Van Andel, 2015).

Entre os adeptos do Sai Baba, na Argentina, para obtenção de benefícios das práticas rituais é necessário cumprir regulamentos e restrições alimentares, pois para esses, os alimentos estão associados aos cuidados e saúde do corpo influenciando diretamente o indivíduo e seu caráter (Puglisi, 2014). De acordo com Contreras e Arnaiz (2005), os alimentos em uma religião apresentam três princípios básicos como: a comunicação com o divino; demonstração direta de fé, cumprindo as orientações divinas em relação à dieta e desenvolver disciplina por meio de jejum.

Prescrições expressas em livros sagrados contemplam hábitos, práticas rituais e comportamentos, bem como a escolha de alimentos que precisam estar aptos, íntegros e ter o seu consumo devidamente amparado nas crenças as quais pertence (Ferrari, 2016). No livro sagrado de comunidades Yezidi, definido como "*Black Book*", indica restrições ao consumo de *L. sativa*; *B. oleracea* subsp. *capitata*; *B. oleracea* subsp. *botrytis*; *C. pepo*; *Phaseolus* spp. e *A. esculentus*, considerado proibido tocar e plantar em quintais, pois é mal visto e interpretado como pecado (Hovsepian et al., 2016).

Escritos sagrados compreendem um conjunto de textos considerados inspirações divinas em diversas crenças e religiões e que assim, são seguidos por aqueles que a professam (Ezquibela, 2009; Ferrari, 2016; Dietrich; Da Silva, 2021), ainda que para outras não sejam utilizados manuais de tradições, mas através de falas sagradas e consagradas (Dos Santos Filho; Alves, 2017).

As práticas religiosas como rituais de oferendas às divindades, de sacrifícios e cerimônias celebradas em tempos de colheitas, estavam presentes antes do estabelecimento de religiões como são conhecidas hoje (Frigo et al., 2022). As tradições da casa, os alimentos preparados, as danças e a diversidade de rituais, são elementos essenciais de cada crença, tomando preferências por alimentos específicos e proibindo o consumo de alimentos malvistos (Ferretti, 2011). O consumo dos bulbos de *A. sativum* em festivais religiosos é proibido. A espécie é utilizada na confecção de amuletos, para proteção e recuperação de crianças e adultos (Sharma et al., 2012). Dessa maneira, a

planta se torna mais que um mero alimento, mas um elemento para o espírito (Frigo *et al.*, 2022).

A diversidade cultural é também expressa através dos alimentos, onde a origem da comida é capaz de influenciar a identidade de quem a consome, sujeitando-os a diversos processos simbólicos e materiais (Millán, 2009). Se compreendido que, a alimentação e o consumo estão condicionados por normas e restrições de natureza sociocultural, fenômenos baseados em aspectos multiculturais, migração, miscigenação e globalização são essenciais para o conhecimento de culturas inteiramente culinárias⁴ (Ezquibela, 2009).

A influência cultural atua como elemento entre as diversas circunstâncias da vida, como situações de doenças, onde o uso de tradições e conhecimento que estão essencialmente relacionados aos mitos e crenças sejam aplicados para contorná-las (Da Silva; Tanaka, 2021). O consumo de *O. sativa*, está envolto de crenças associadas à práticas rituais da espécie que variam desde o armazenamento à colheita, influenciando assim no consumo de seus grãos. Os tabus são amparados por instruções do *adat* proibindo práticas que afetem diretamente o alimento (Manan *et al.*, 2022).

Em grupos étnicos, princípios de determinados grupos podem ser delineados do mesmo modo que variedades de rituais são desenvolvidas com o alimento em si, este, por fim, torna-se um catalisador de expressões étnicas contribuindo para a construção de sistemas totêmicos, indicadores étnicos e surgimento de crenças e tabus (Lopes; Dos Santos, 2021). Famílias Suazis que possuam sobrenomes *Matsenja*, *Mpamali*, *Ndzibandze* e *Nkozi Dlamini*, proíbem o uso de aloés específicos, *A. saponaria* e *A. vanbalenii*, uma vez que as plantas são comumente usadas na Suazilândia para marcar túmulos. Em famílias com os sobrenomes *Mkhalipi*, *Ndzibandze* e *Vilakati* são orientadas a rejeitar os chás das folhas de *Athrixia*, das espécies *A. elata* e *A. phyllocoides*, devido a relação e semelhança linguística entre os nomes e ao termo vernáculo para esta espécie (*luphephetse*). Nos tabus linguísticos, a violação é considerada grave quando existe certo menosprezo à uma figura ou crença a ser reverenciada (Allan, 2018).

Práticas de adoração tradicional a divindades e de reverência a elementos totêmicos em ambientes tradicionais, são praticados por grupos étnicos visando a conservação da

⁴CARVALHO, A. P. V.; SILVA, V.; GRANDE, A. J. Avaliação do risco de viés de ensaios clínicos randomizados pela ferramenta da colaboração Cochrane. *Diagn. tratamento*, 2013.

MEDEIROS, P. M.; LADIO, A. H.; ALBUQUERQUE, U. P. Sampling problems in Brazilian research: a critical evaluation of studies on medicinal plants. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v. 24, p. 103-109, 2014.

natureza, como observados em comunidades indígenas em Gana e em outras regiões do continente africano (Benson, 2021). A reverência e proteção permitem o uso futuro desses objetos, atribuindo valor sagrado e considerando seu papel nas práticas rituais (Mandillah; Ekosse, 2018).

4.3.1 Restrições alimentares relacionadas a práticas totêmicas e ecológicas

Os tabus alimentares e práticas de restrição são expressas através de percepções que grupos possuem sobre o seu ambiente, revelando que os tabus apresentam uma perspectiva ecológica (Begossi, 1992; Colding; Folke, 2001; Figueroa, 2004; Azevedo, 2017). Estes tabus podem promover a utilização desenfreada de um recurso específico ou possibilitar sua proteção (Jones; Andriamarovololona; Hockley, 2008; Rankoana, 2016).

O crescimento demográfico, expansão de atividades agrícolas e a colheita intensiva de partes de plantas para uso medicinal, correspondem às ameaças que *S. dulcificum* (Tchokponhoué, 2021), tem sido submetida, onde a exploração excessiva da espécie dificulta seu uso sustentável e como resposta às práticas invasivas de extração de partes da planta, o tabu mais comum estava associado a proteção da espécie. Amplamente subexplorada e criticamente ameaçada em regiões da África Ocidental, a espécie *C. toka* (Dabré, 2023), é uma planta mística utilizada na alimentação e para fins medicinais, além de desempenhar a função de totem para o povo *Bozo* e ser considera tabu para o povo *Dafi*.

O totem, pode atribuir valores para os alimentos ou para características que estes apresentem, associando ao contexto que são consumidos em rituais (Makela, 2020). A escolha de elementos como totens, tratando-se de plantas e animais, é influenciada por fatores que considerem satisfazer necessidades básicas para subsistência humana, a distribuição do animal ou planta e relações circunstanciais ou desconhecidas (Gao; Yezhova, 2023). Este sistema de crenças tradicionais é capaz de proteger a biodiversidade, as espécies e o ambiente (Mandillah; Ekosse, 2018).

Embora nem sempre estejam associados aos alimentos, totens de plantas ocorrem em diversos tabus de usos, onde a violação resulta como consequência negativa para a planta e o seu produto, sem afetar diretamente o transgressor (Forth, 2020). Na província de Limpopo, África do Sul, os frutos de *S. birrea*, *Vangueria infausta* e *Ximenia caffra* são

colhidos depois de caídos, pois é proibido a derrubada dos frutos, causando perda de folhas e galhos danificando a planta. Se derrubados, maus presságios em forma de tempestades poderiam afetar todas as colheitas nos campos (Rankoana, 2016).

Utilizadas no preparo de pratos indígenas, *A. thunbergii* e *C. gynandra* tem a colheita proibida se realizada com com as unhas, pois as folhas podem se tornar amargas (Tselaesele *et al.*, 2023). Na espécie *Arenga pinnata*, não deve ser consumida como gim ou o suco fermentado (*toddy*), a proibição é associada a quem urinar e defecar próximo à planta, afetando dessa maneira a qualidade do licor da árvore (Forth, 2020).

A crença que povos tribais depositam em animais e plantas como símbolos totêmicos, é baseada na proteção e suporte proporcionados aos antepassados do clã ou por se provarem essenciais na manutenção da vida (Pramanik; Nandi, 2019). Os tabus são observados na proteção de bosques sagrados, resultando na conservação de plantas (Bortolamiol *et al.*, 2018), onde comunidades podem estabelecer vínculos não somente para suprir necessidades básicas, mas relacionando a cultura e crenças enraizadas na floresta (Talukdar; Gupta, 2018). Fortalecendo a relação entre os tabus sagrados com crenças, concentrando-se essencialmente nas perspectivas simbólicas atreladas aos aspectos ambientais associados à saúde e seus tabus alimentares (Adom, 2019).

5.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre os elementos socioculturais, a crença é fortemente representada pela relação que grupos possuem com seus antepassados e membros do clã, bem como seus tabus e normas. A ligação com a natureza e seus recursos foi observada nas restrições identificadas, onde o pleno desenvolvimento da fé e precauções com a saúde indicaram as motivações mais evidentes entre pessoas. Muitas plantas identificadas estão presentes na alimentação diária de comunidades e grupos étnicos, indicando seu uso nas relações dietéticas e influenciando preferências e comportamentos alimentares, essenciais para manutenção do corpo e do espírito, enquanto outras são consumidas em ocasiões especiais e não compõem a dieta diária, indicando o uso esporádico das plantas e de suas partes. As restrições se estendem às normas escritas, como observadas nos escritos sagrados, delimitando quais alimentos podem ser consumidos e assim, manter a integridade dos adeptos e de sua existência. As manifestações culturais retratam as práticas e expressões adotadas por grupos revelando o conhecimento e tradições locais, sobretudo, na maneira de consumir os alimentos, compreendendo quem pode comer e quando comer. As mulheres foram as mais representadas em relação aos tabus e restrições. Associados à saúde, principalmente materna, certos alimentos são evitados para redução de riscos que possam afetar as mães e seus filhos. O interesse neste grupo, principalmente associado às restrições, pode estar relacionado a concepções sociais dos tabus, onde as mulheres são associadas a períodos de impureza proibindo-as de compartilhar espaços e objetos de uso coletivo, como apresentado nas espécies *C. pepo* e *M. boivinii*. O uso para proteção também foi considerado, onde plantas são utilizadas como amuletos e fontes divinas para realização de rituais e cura tradicional, desempenhando um papel essencialmente importante entre os indivíduos. A África e Ásia, foram os continentes mais representativos em citação de espécies e seus tabus alimentares, indicando em certa medida, alta concentração de estudos relacionados aos tabus e restrições alimentares. Sob essa perspectiva, se faz necessário identificar e direcionar estudos para preencher lacunas sobre outros continentes. Quanto a análise de risco de viés, os dados obtidos para esta revisão sugerem que estudos com detalhamento de informações reduzem a possibilidade de vieses que possam ocorrem durante a análise. Com informações claras e concisas, podem contribuir para a construção de banco de dados mais robusto e seguro de seus dados. Reforçando a escolha por critérios capazes de tornar outros estudos elegíveis para a

produção de uma revisão sistemática. Este estudo reforça a importância de compreender os tabus, sendo estes direcionados também para plantas medicinais e composição dos constituintes químicos encontrados em suas partes. Aprofundar estudos sobre espécies totêmicas, que, como citados nesta revisão, são essenciais para manutenção de sociedades e conservação de ambientes e espécies, concentrando no endemismo e sua relação com os tabus.

REFERÊNCIAS

- ADOM, D. Dietary Taboos as a Means of Ethnic and Place Identity of the Bono People of Ghana: Indirect Cultural Practices for the Conservation of Fauna Species. **International Journal of Conservation Science**, v. 10, n. 4, p. 733-748, 2019.
- ALBUQUERQUE, U. P.; MELO, F. P. L.. Socioecologia da Caatinga. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 70, n. 4, p. 40-44. 2018.
- ALLAN, K. The **Oxford handbook of taboo words and language**. Oxford University Press, 2018.
- ALMEIDA, M. G. Para além das crenças sobre alimentos, comidas e sabores da natureza. **Mercator** (Fortaleza), v. 16, 2017.
- ALONSO, E. B. The impact of culture, religion and traditional knowledge on food and nutrition security in developing countries. **AgEcon Search**. 2015.
- ALONSO, E. B.; COCKX, L.; SWINNEN, J. Culture and food security. **Global food security**, v. 17, p. 113-127, 2018.
- ALVARENGA, M. D. S., SOUZA, L. D. J. D., MORAES, C. H. D. C., MORAES, J. M. M., RAMOS, D. C. S. **Ciência do comportamento alimentar**. 1. ed. – Santana de Parnaíba-SP: Manole, 2021.
- AMOO, T. B. The Double Burden of Malnutrition Across the Lifecourse. **Lupine Online J Med Sci**, p. 327-30, 2019.
- AMOROZO, M. C. M. Agricultura Tradicional, Espaços de Resistência e o Prazer de Plantar. In: Albuquerque, U.P. et. al. (orgs.) **Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia**. Recife: Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, p. 123-131. 2002.
- ARASIMOWICZ, S. **Analysis of the dietary taboos affecting dietary diversity of women of reproductive age in the South and Grand'Anse departments of Haiti**. Tese (Doutorado - Department of Nutrition, Université de Montréal Faculté de médecine). 2020.
- ARZOAQUOI, S. K., ESSUMAN, E. E., GBAGBO, F. Y., TENKORANG, E. Y., SOYIRI, I., & LAAR, A. K. Motivations for food prohibitions during pregnancy and their enforcement mechanisms in a rural Ghanaian district. **Journal of ethnobiology and ethnomedicine**, v. 11, n. 1, p. 1-9, 2015.
- ASAD, T. A construção da religião como uma categoria antropológica. **Cadernos de Campo** (São Paulo-1991), v. 19, n. 19, p. 263-284, 2010.
- AUCHTER, J. On viewing: the politics of looking at the corps. **Global Discourse**, v. 7, n. 2-3, p. 223-238, 2017.
- AVIELI, N. Forbidden from the heart: flexible food taboos, ambiguous culinary transgressions, and cultural intimacy in Hoi An, Vietnam. **Food Anxiety in Globalising Vietnam**, p. 77-103, 2019.
- AZEVEDO, E. Alimentação, sociedade e cultura: temas contemporâneos. **Sociologias**, v. 19, p. 276-307, 2017.
- BANON, P. **Para conhecer melhor os tabus e as proibições**. Claro Enigma. 1^a ed. São Paulo - SP. 96 p. 2011.
- BEGOSSI, A. Food taboos at buzios island (brazil): their significance and! Telanon to folk medicine. **Journal of Ethnobiology**, v. 12, n. 1, p. 117-139, 1992.
- BENSON, G. African traditional religion and natural resource management: The role of totems and deity worship in Ghana. **American Journal of Environment Studies**, v. 4, n. 1, p. 13-37, 2021.
- BORTOLAMIOL, S., KRIEF, S., CHAPMAN, C. A., KAGORO, W., SEGUYA, A., COHEN, M. Wildlife and spiritual knowledge at the edge of protected areas: raising another voice in conservation. **Ethnobiology and Conservation**, v. 7, 2018.

- BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Ciência e Tecnologia.** ROBIS - Risk of Bias in Systematic Reviews: ferramenta para avaliar o risco de viés em revisões sistemáticas: orientações de uso / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Ciência e Tecnologia. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.
- BROWN, R. **Estructura y función en la sociedad primitiva.** 1969. Planeta DeAgostini. Traducción de Angela Perez. Barcelona - España. 1986.
- CAMPOS, M. M. CABRAL, K. S.; NUNES, P. C. R.; ESTEVAM, A. A. V.; BIANCO, B. T.; ALVES, B. B. L.; VENTURA, G. S.; SANTANA, R. O.; SILVA, N. M. F.; LOPES, L. H.; MENDES, F. A.; OLIVEIRA, S. Embryotoxic, teratogenic and abortive effects caused by the consumption of plants for food and medicinal use. **Revista Presença**, v. 9, n. 20, p. 152-217, 2023.
- CANESQUI, A. M. Antropologia e alimentação. **Revista de Saúde Pública**, v. 22, p. 207-216, 2005.
- CARNEIRO, H. **Comida e Sociedade Uma História da Alimentação.** Elsevier. 1ª Ed. 200p. 2003.
- CARNEIRO, H. S. Comida e sociedade: significados sociais na história da alimentação. **História: questões & debates**. Curitiba, n. 42, p. 71-80, Editora UFPR. 2005.
- CARTER, J. W. Incest. **The Encyclopedia of Women and Crime**, p. 1-5, 2019.
- CARVALHO, A. P. V.; SILVA, V.; GRANDE, A. J. Avaliação do risco de viés de ensaios clínicos randomizados pela ferramenta da colaboração Cochrane. **Diagn. tratamento**, 2013.
- CASTRO, E. V. A antropologia perspectiva e o método de equívocação controlada. **Aceno-Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, v. 5, n. 10, p. 247 a 264-247 a 264, 2018.
- CASTRO, J. **Geografia da Fome: o dilema brasileiro: pão ou aço.** Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.
- CHAGAS, G. F., BAHIA, J., MENEZES, R. D. C., CUNHA, C. V. D. Comida e sagrado: corpos, sentidos, cosmologias e ontologias. **Religião & Sociedade**, 42, 11-19. 2022.
- CHAKONA, G.; SHACKLETON, C. Food taboos and cultural beliefs influence food choice and dietary preferences among pregnant women in the Eastern Cape, South Africa. **Nutrients**, v. 11, n.11, pág.2668, 2019.
- CHAKRABARTI, S.; CHAKRABARTI, A. Food taboos in pregnancy and early lactation among women living in a rural area of West Bengal. **Journal of Family Medicine and Primary Care**, v. 8, n. 1, p. 86, 2019.
- CHAPPLE, A.; ZIEBLAND, S.; HAWTON, K. Taboo and the different death? Perceptions of those bereaved by suicide or other traumatic death. **Sociology of health & illness**, v. 37, n. 4, p. 610-625, 2015.
- CLEMENCE, M.; CHIMININGE, V. Totem, Taboos and sacred places: An analysis of Karanga people's environmental conservation and management practices. **International Journal of Humanities and Social Science Invention**, v. 4, n. 11, p. 7-12, 2015.
- COLCLOUGH, Y. Y. Native American death taboo: implications for health care providers. **American Journal of Hospice and Palliative Medicine®**, v. 34, n. 6, p. 584-591, 2017.
- COLDING, J.; FOLKE, C. The relations among threatened species, their protection, and taboos. **Conservation Ecology**: 1-19. 1997.
- COLDING, J.; FOLKE, C. Social taboos: "invisible" systems of local resource management and biological conservation. **Ecological applications**, v. 11, n. 2, p. 584-600, 2001.
- CONSTANT, N. L.; TSHISIKHawe, M. P. Hierarchies of knowledge: ethnobotanical knowledge, practices and beliefs of the Vhavenda in South Africa for biodiversity conservation. **Journal of ethnobiology and ethnomedicine**, v. 14, p. 1-28, 2018.
- CONTRERAS, J.; ARNAIZ, M. G. **Alimentación y cultura: perspectivas antropológicas.** Barcelona: Ariel, 2005.

- CRUZ, M. P., MEDEIROS, P. M., SARMIENTO-COMBARIZA, I., PERONI, N., ALBUQUERQUE, U. P. "I eat the manofê so it is not forgotten": local perceptions and consumption of native wild edible plants from seasonal dry forests in Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 10, n. 1, p. 1-11, 2014.
- CRUZ, M. P.; PERONI, N. ; ALBUQUERQUE, U. P. Knowledge, use and management of native wild edible plants from a seasonal dry forest (NE, Brazil). **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 9, n. 1, p. 1-10, 2013.
- CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4^a Ed. 2^a Imp. Lexikon. Rio de Janeiro – RJ. 744p. 2012.
- D'HAENE, E.; VANDEVELDE, S.; MINTEN, B. Fasting, food and farming: Value chains and food taboos in Ethiopia. **Plos one**, v. 16, n. 12, p. e0259982, 2021.
- DA SILVA, N. A.; TANAKA, M. Estudo sobre crenças, tabus e mitos no comportamento alimentar e na atividade física. In: **Pesquisas Em Temas De Ciências Da Saúde**, p. 183. Belém: RFB, 2021.
- DA SILVA, S. G.; BIESKI, I. G. C. A importância medicinal dos flavonóides na saúde humana, com ênfase na espécie *Arrabidaea chica* (Bonpl.) B. Verl. **Revista Saúde Viva Multidisciplinar da AJES**, v. 1, n. 1, 2018.
- DABRÉ, Z.; ZERBO, I.; NACOULMA, B. M. I.; SORO, D.; THIOMBIANO, A. Ethnobotany and conservation of species *Celtis toka* (Forssk.) Hepper & JRI wood: A way forward for sustainable use in Burkina Faso. **Heliyon**. 2023.
- DE LACRUZ, E. La alimentación. **Bengoa Alimentación o Nutrición Recuperado el**, 2020.
- DEMITTO, M. O., FERRARI, R. A. P., SOARES, N. I. T., TACLA, M. T. M., GENOVESI, F. F. Gestação, parto e puerpério: práticas e tabus de mulheres participantes de grupos no pré-natal. **Cultura del Cuidado Enfermería**, 12(2), 6-21. 2015.
- DESCOLA, P. Outras naturezas, outras culturas. **São Paulo: Editora 34**, p. 1914-1991, 2016.
- DIETRICH, L. J.; DA SILVA, C. M. D. Religião, revelação, textos sagrados. **Revista Pistis & Praxis**, v. 13, n. 1, 2021.
- DOS SANTOS FILHO, E. F.; ALVES, J. B. A tradição oral para povos africanos e afrobrasileiros: relevância da palavra. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 9, p. 50-76, 2017.
- DOUGLAS, M. **Purity and danger: An analysis of concepts of pollution and taboo**. Routledge, 1966.
- EID, O., EZZAT, S., GONAID, M., CHOUCRY, M. Crassulaceae (chemistry and pharmacology)-A review. **Future Journal of Pharmaceutical Sciences**, v. 4, n. 2, p. 234-240, 2018.
- EKWOCHI, U., OSUORAH, C. D., NDU, I. K., IFEDIORA, C., ASINOBI, I. N., & EKE, C. B. Food taboos and myths in South Eastern Nigeria: The belief and practice of mothers in the region. **Journal of ethnobiology and ethnomedicine**, v. 12, n. 1, p. 1-6, 2016.
- EVANS, R. W.; AVERY, P. G.; PEDERSON, P. V. Taboo Topics: Cultural Restraint on Teaching Social Issues. **The Clearing House: A Journal of Educational Strategies, Issues and Ideas**, 73(5), 295–302. doi:10.1080/00098650009600973. 2000.
- EZQUIBELA, I. J. Prescripciones y tabúes alimentarios: el papel de las religiones. **Revista Distribución y consumo**, v. 108, p. 5-11, 2009.
- FAO. Uma vez esquecidas, estas culturas tradicionais são a nossa nova esperança. **FAO no Brasil. Notícias**. 21/05/2019. Brasília-Brasil. Disponível em:<<https://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/pt/c/1195175/>>. Acesso em: 15, jan. 2024.
- FERNANDES, J. M., CUNHA, L. M., AZEVEDO, E. P., LOURENÇO, E. M., FERNANDES-PEDROSA, M. F., ZUCOLOTTTO, S. M. *Kalanchoe laciniata* and *Bryophyllum pinnatum*: an

- updated review about ethnopharmacology, phytochemistry, pharmacology and toxicology. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, 29(4), 529-558. 2019.
- FERRARI, E. S. Religiões e hábitos alimentares: uma construção histórica. *UNITAS-Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões*, v. 4, n. 2, p. 72-83, 2016.
- FERRETTI, S. F. Comida ritual em festas de Tambor de Mina no Maranhão. **Horizonte: revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 9, n. 21, p. 242-267, 2011.
- FERSHTMAN, C.; GNEEZY, U.; HOFFMAN, M. Taboos and identity: Considering the unthinkable. *American Economic Journal: Microeconomics*, v. 3, n. 2, p. 139-164, 2011.
- FIGUEROA, D. Padrões Alimentares: da teoria à prática- caso do Brasil. **Mneme-Revista de Humanidades**, v. 5, n. 09, 2004.
- FOLADORI, G.; TAKS, J. Um olhar antropológico sobre a questão ambiental. **Mana**, v. 10, p. 323-348, 2004.
- FORTH, G. Taboo and Descent in the Articulation of Gender Relations: An Eastern Indonesian Case. **Oceania**, v. 90, n. 1, p. 2-17, 2020.
- FRANDSEN, P. J. The menstrual “taboo” in ancient Egypt. **Journal of Near Eastern Studies**, v. 66, n. 2, pág. 81-106, 2007.
- FREUD, S. **Totem e tabu**: algumas correspondências entre a vida psíquica dos selvagens e a dos neuróticos. Tradução de Renato Zwick, Porto Alegre - RS: L&PM, 256 p. reimpressão 2020. Originalmente publicado em, 1913.
- FRIGO, G., VENDRAMINI, C. F., SILVA, J. F., FELIPE, M. P., DE OLIVEIRA, P. R. S., CAMPOS, T. A. F., ARAUJO, E. S.; GOMES, E. S.; PRADO, I. N.; VISENTAINER, J. V. A religião e consumo de alimentos: Revisão. **Research, Society and Development**, 11(10), 2022.
- GAITÉN, Y. I. G., GONZÁLEZ, A. F., LIZAMA, R. S., CAIRO, C. R. N., HERNÁNDEZ, G. L. A., MASÓ, V. D., RODRÍGUEZ, A. C. N., ISIDRÓN, J. A. H., PIETERS, L., FOUBERT K., ISIDRÓN, L. H. Pharmacognostic Study, Diuretic Activity and Acute Oral Toxicity of the Leaves of *Xiphidium caeruleum* Aubl. Collected in Two Different Phenological Stages. **Plants**, 12(6), 1268. 2023.
- GAO, X.; YEZHOOVA, O. Chinese traditional patterns and totem culture in modern clothing design. **Art and Design**, 2023
- GARRE, J. M. H.; SÁNCHEZ, B. M. Condicionamientos contextuales de la alimentación. In: GARRE, J. M. H.; SÁNCHEZ, B. M. *Antropología de la alimentación. Gastronomía, sociedad y cultura*. Editum. Ediciones de la Universidad de Murcia. 2022. Disponível em:<<https://doi.org/10.6018/editum.2953>>. Acesso em: 11 fev. 2024.
- GAVIN, M. C., MCCARTER, J., BERKES, F., MEAD, A. T. P., STERLING, E. J., TANG, R., TURNER, N. J. Effective biodiversity conservation requires dynamic, pluralistic, partnership-based approaches. **Sustainability**, v. 10, n. 6, p. 1846, 2018.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. I.ed., IS. reimpr. - Rio de Janeiro:LTC, 1926. 323p. 2008.
- GHANIM, D. Virginity cult. In: **The Virginity Trap in the Middle East**. New York: Palgrave Macmillan US, p. 17-28. 2015.
- GOLDEN, C. D.; COMAROFF, J. The human health and conservation relevance of food taboos in northeastern Madagascar. **Ecology and Society**, v. 20, n. 2, 2015.
- GÓMEZ, M. Pluralidad de conocimientos y sistemas complejos. **Ludus Vitalis**. Vol. 26 N. 49 p. 43-59. 2018.
- GRUSAK, M. A.; DELLA PENNA, D. Improving the nutrient composition of plants to enhance human nutrition and health. **Annual review of plant biology**, v. 50, n. 1, p. 133-161, 1999.
- GUINAND, Y.; DECHASSA, L. Indigenous food plants in southern Ethiopia: reflections on the role of ‘famine foods’ at the time of drought. United Nations Emergencies Unit for Ethiopia (UNEUE), **Addis Ababa**, v. 7, 2000.

- HARRIS, M. **Cultural Materialism: The Struggle for a science of culture.** Random House, New York. 1979.
- HOQ, M., ALI, M., ISLAM, A., BANERJEE, C. Risk factors of acute malnutrition among children aged 6–59 months enrolled in a community-based programme in Kurigram, Bangladesh: a mixed-method matched case-control study. **Journal of Health, Population and Nutrition**, v. 38, n. 1, p. 1-7, 2019.
- IRADUKUNDA, F. Food taboos during pregnancy. **Health care for women international**, v. 41, n. 2, p. 159-168, 2020.
- JERNIGAN, K. A. Dietary restrictions in healing among speakers of Iquito, an endangered language of the Peruvian Amazon. **Journal of ethnobiology and ethnomedicine**, v. 7, p. 1-10. 2011.
- JOHNSO, M. Food Taboos and Preferences among Women of Reproductive Age and Children Under Two in Mainland Tanzania. USAID. 2023.
- JONES, J. P. G.; ANDRIAMAROVOLOLONA, M. M.; HOCKLEY, N. The importance of taboos and social norms to conservation in Madagascar. **Conservation biology**, v. 22, n. 4, p. 976-986, 2008.
- JUGLI, S.; CHAKRAVORTY, J.; MEYER-ROCHOW, V. B. Tangsa and Wancho of North-East India use animals not only as food and medicine but also as additional cultural attributes. **Foods**, v. 9, n. 4, p. 528, 2020.
- KINUPP, V. F., LORENZI, H. **Plantas alimentícias não convencionais (PANC) no Brasil:** guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. 2 ed. Nova Odessa - SP. Jardim Botânico Plantarum. 2021.
- KINUPP, V. F.; BARROS, I. B. I. Levantamento de dados e divulgação do potencial das plantas alimentícias alternativas no Brasil. **Horticultura brasileira**, v. 22, n. 2, p. 17-25, 2004.
- KOEHLER, J.; LEONHAEUSER, I. U. Changes in food preferences during aging. **Annals of Nutrition and Metabolism**, v. 52, n. Suppl. 1, p. 15-19, 2008.
- KÖHLER, R., SAE-TAN, S., LAMBERT, C., BIESALSKI, H. K. Plant-based food taboos in pregnancy and the postpartum period in Southeast Asia—a systematic review of literature. **Nutrition & Food Science**, 48(6), 949-961. 2018.
- KÖHLER, R.; LAMBERT, C.; BIESALSKI, H. K. Animal-based food taboos during pregnancy and the postpartum period of Southeast Asian women—A review of literature. **Food Research International**, v. 115, p. 480-486, 2019.
- LAKSONO, A. D.; WULANDARI, R. D. The Food Taboo of the Muyu Tribe in Papua. **Amerta Nutr**, v. 5, n. 3, 2021.
- LANZA, T. R., MING, L. C., HAVERROTH, M., FERREIRA, A. B. Agricultura tradicional amazônica: sistemas de cultivo Huni Kui da Terra Indígena Kaxinawá de Nova Olinda, Acre, Brasil. **Ethnoscientia-Brazilian Journal of Ethnobiology and Ethnoecology**, 7(4), 33-49. 2022.
- LIMA, M. M. L., SILVA, T. K. R., TSUPAL, P. A., DE FREITAS MELHEM, A. R., BRECAILO, M. K., DOS SANTOS, E. F. A influência de crenças e tabus alimentares na amamentação. **O mundo da saúde**, v. 40, n. 2, p. 221-229, 2016.
- LIU, J. DIETZ, T.; CARPENTER, S. R.; ALBERTI, M.; FOLKE, C.; MORAN, E.; PELL, A.N.; DEADMAN, P.; KRATZ, T.; LUBCHENCO, J.; OSTROM, E.; OUYANG, Z.; PROVENCHER, W.; REDMAN, C. L.; SCHNEIDER, S. H.; TAYLOR, W. W. Complexity of coupled human and natural systems. **science**, v. 317, n. 5844, p. 1513-1516, 2007.

- LIU, N., MAO, L., SUN, X., LIU, L., CHEN, B., DING, Q. Postpartum practices of puerperal women and their influencing factors in three regions of Hubei, China. *BMC public health*, v. 6, n. 1, p. 1-7, 2006.
- LIU, Y., HE, Z., XIE, Y., SU, L., ZHANG, R., WANG, H., LI, C. LONG, S. Drought resistance mechanisms of Phedimus aizoon L. *Scientific Reports*, 11(1), 13600. 2021.
- LOPES, L. M.; DOS SANTOS, E. K. Análise etnográfica da relação homem-alimento em diferentes níveis da cadeia produtiva no litoral sul-capixaba. In: *Reflexões sobre as ciências humanas*, p. 159, 2021.
- MAGGIULLI, O., RUFO, F., JOHNS, S. E.; WELLS, J. C. Food taboos during pregnancy: meta-analysis on cross cultural differences suggests specific, diet-related pressures on childbirth among agriculturalists. *PeerJ*, 10, e13633. 2022.
- MAKELA, M. In search for totemic foods: Exploring discursive foodscapes online in Finnish, English and French. 2020. *Tese*. Doutorado - University of Westminster. 2020.
- MANAN, A. Salasiyah, C. I., Rizki, S., & Chairunnisak, C. Paddy cultivation rituals in South Aceh, Indonesia: An ethnographic study in West Labuhan Haji. *Cogent Social Sciences*, v. 8, n. 1, p. 2094075. 2022.
- MANDILLAH, K. L. L.; EKOSSE, G.-I. African totems: Cultural heritage for sustainable environmental conservation. *Conservation Science in Cultural Heritage*, v. 18, p. 201-218, 2018.
- MARTINS, M. C. Intervenção educativa para utilização de alimentos regionais por famílias de pré-escolares *Tese* (Doutorado em Enfermagem). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.
- MAVHURA, E.; MUSHURE, S. Forest and wildlife resource-conservation efforts based on indigenous knowledge: The case of Nharira community in Chikomba district, Zimbabwe. *Forest Policy and Economics*, v. 105, p. 83-90, 2019.
- MCNAMARA, K.; WOOD, E. Food taboos, health beliefs, and gender: understanding household food choice and nutrition in rural Tajikistan. *Journal of Health, Population and Nutrition*, v. 38, p. 1-14, 2019.
- MECKELBURG, J. A.; VIGODER, H. C.; OLIVEIRA, B. C. E. P. D. Plantas alimentícias não convencionais: uma breve revisão sobre o aspecto toxicológico. *Alimentos: Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente*, 2(9), 28-41. 2021.
- MEDEIROS, P. M.; LADIO, A. H.; ALBUQUERQUE, U. P. Sampling problems in Brazilian research: a critical evaluation of studies on medicinal plants. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v. 24, p. 103-109, 2014.
- MENA, A. J. A. La medicina tradicional como medicina ecocultural. *A gazeta de antropologia*. 2005.
- MEYER-ROCHOW, V. B. Food taboos: their origins and purposes. *Journal of ethnobiology and ethnomedicine*, v. 5, p. 1-10, 2009.
- MILLÁN, A. Fronteras alimentarias: Los OGM entre el imaginario social y la naturaleza cultural. *Estudios del hombre*, n. 24, p. 301-317, 2009.
- MONACO, G. L.; BONETTO, E. Social representations and culture in food studies. *Food research international*, v. 115, p. 474-479, 2019.
- MORALES, M. R. R. Del tabú a la sacralidad: la menstruación en la era del sagrado femenino. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, v. 18, n. 24, p. 134-152, 2016.
- NASCIMENTO, V. T., VASCONCELOS, M. A. S., MACIEL, M. I. S., ALBUQUERQUE, U. P. Famine foods of Brazil's seasonal dry forests: ethnobotanical and nutritional aspects. *Economic botany*, v. 66, n. 1, p. 22-34, 2012.
- NDOUA, P. D. N.; VAGHAR, K. Bwiti, iboga, trance and healing in Gabon. *Mental Health, Religion & Culture*, v. 21, n. 8, p. 755-762, 2018.

- NTIAMOA-BAIDU, Y. Indigenous Beliefs and Biodiversity Conservation: The Effectiveness of Sacred Groves, Taboos and Totems in Ghana for Habitat and Species Conservation. **Journal for the Study of Religion, Nature & Culture**, v. 2, n. 3, 2008.
- ODEH, G. O. Totems in Idoma History. **Journal of World Researches**, v. 2, n. 1, p. 27-31, 2022.
- ONUORAH, C. E.; AYO, J. A. Food taboos and their nutritional implications on developing nations like Nigeria – a review. **Nutrition & Food Science**, 33(5), 235–240. 2003.
- OTTO, O. A.; HENRY, T. O. A comparative analyses of seventh-day adventist church dietary rules and totemic beliefs in africa: implications for spiritual growth. **Oracle of Wisdom Journal of Philosophy and Public Affairs (OWIJOPPA)**, v. 7, n. 3, 2023.
- OUZZANI M, HAMMADY H, FEDOROWICZ Z, ELMAGARMID A. Rayyan—a web and mobile app for systematic reviews. Syst Rev. 2016. <https://doi.org/10.1186/s13643-016-0384-4>.
- OWOR, M. Creating an independent traditional court: A study of Jopadhola clan courts in Uganda. **Journal of African Law**, v. 56, n. 2, p. 215-242, 2012.
- PALITA, S. K.; PANDA, D.; NAYAK, J. K. Indigenous communities and biodiversity conservation: an indian perspective. **Science and Culture**, 2023.
- PÉREZ, G. M.; GARCÍA, A. P. Nutritional taboos among the Fullas in Upper River region, the Gambia. **Journal of Anthropology**, v. 2013, 2013.
- PERROCA, M. G.; GAIDZINSKI, R. R. Avaliando a confiabilidade interavaliadores de um instrumento para classificação de pacientes: coeficiente Kappa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 37, p. 72-80, 2003.
- PEZZUTI, J. C. B. Tabus alimentares. In: BEGOSSI, A. (Org.). **Ecologia de pescadores da Amazônia e da Mata Atlântica**. Campinas: Hucitec, p. 167-186, 2004.
- PHILIPPI S. T., ALVARENGA, M. Alimentação saudável: princípios e recomendações. In: PHILIPPI S. T., ALVARENGA, M. **Transtornos alimentares: uma visão nutricional**. Barueri: Manole; 2004.
- PRAMANIK, S. K.; NANDI, N. C. Folklore and biodiversity conservation concern: An Indian perspective of food security. **Journal of Environment and Sociobiology**, v. 16, n. 2, p. 207-215, 2019.
- PUGLISI, R. Alimento para el cuerpo y el espíritu: prácticas alimentarias y cantos rituales en los grupos Sai Baba argentinos. **Revista cultura y religión**, v. 8, n. 2, p. 129-147, 2014.
- QUIROZ, D.; VAN ANDEL, T. Evidence of a link between taboos and sacrifices and resource scarcity of ritual plants. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 11, n. 1, p. 1-11. 2015.
- RAMALHO, R. A.; SAUNDERS, C. O papel da educação nutricional no combate às carências nutricionais. **Revista de Nutrição**, v. 13, p. 11-16, 2000.
- RAMULONDI, M.; DE WET, H.; NTULI, N. R. Traditional food taboos and practices during pregnancy, postpartum recovery, and infant care of Zulu women in northern KwaZulu-Natal. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 17, n. 1, p. 1-19, 2021.
- RANKOANA, S. A. Sustainable use and management of indigenous plant resources: a case of Mantheding community in Limpopo Province, South Africa. **Sustainability**, v. 8, n. 3, p. 221, 2016.
- ROZIN, P. Perspectivas psicobiológicas sobre las preferencias y aversiones alimentarias. In: **Alimentación y cultura**, p. 85-109, 1995.
- SAHLINS, M. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro. Zahar, 1 Ed. p. 232. 2003.
- SANTANA, G. M., RIBEIRO, C. H. S., SILVA, F. R., MAGALHÃES, C. S., RANDAU, K. P. Pharmacobotanical study and phytochemical prospectation of Mirabilis jalapa L. **Diversitas Journal**, 8(2). 2023.

- SAUERBRONN, J. F. R.; TEIXEIRA, C. S.; LODI, M. D. F. Saúde, estética e eficiência: Relações entre práticas de consumo de alimentos as mulheres e seus corpos. **Cadernos EBAPE**. BR, v. 17, p. 389-402, 2019.
- SCHNEIDER, S.; FERRARI, D. L. Cadeias curtas, cooperação e produtos de qualidade na agricultura familiar–o processo de relocalização da produção agroalimentar em Santa Catarina. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 17, n. 1, 2015.
- SHARIFI, N.; The social aspects of virginity. In: **Female Bodies and Sexuality in Iran and the Search for Defiance**, p. 202, 2018.
- SHELEF, O., WEISBERG, P. J., PROVENZA, F. D. The value of native plants and local production in an era of global agriculture. **Frontiers in plant science**, 8, 2069. 2017.
- SIDDHARATHA, S.; REETINDER, K. An anthropological study of food taboos among Kinnauras of Himachal Pradesh. **Discovery Science**, Volume 5, N° 14. 2013.
- SIVAKUMAR, K. P.; NAIR, A. S.; JAYA, D. S. Indigenous reverence for environment: a review on sacred groves in India. In: International Conference on Indigenous Initiatives for Environment and Development. p. 28-29. 2014.
- ŠKRABÁKOVÁ, L. Amerindian perspectivism and the life of plants in Amazonia. **Non-Humans in Social Science: Ontologies, Theories and Case Studies**, p. 165-186, 2014.
- STEINER, F. **Taboo**. Routledge. 156p. 2013.
- SUKUMAR, D. Chapter 13: Personal Narrative: Caste Is My Period. In: BOBEL, C., WINKLER, I. T., FAHS, B., HASSON, K. A., KISLING, E. A., & ROBERTS, T. A. The Palgrave handbook of critical menstruation studies. Palgrave Macmillan. e-Book. 2020. Disponível em:<<https://library.oapen.org/handle/20.500.12657/41299>>. Acesso em: 07, jan. 2024.
- TALUKDAR, S.; GUPTA, A. Attitudes towards forest and wildlife, and conservation-oriented traditions, around Chakrashila Wildlife Sanctuary, Assam, India. **Oryx**, v. 52, n. 3, p. 508-518, 2018.
- TCHOKPONHOUÉ, D. A. N'Danikou, S., Fassinou Hotegni, N. V., Nyadanu, D., Kahane, R., Odindo, A. O. Use patterns, knowledge diversity and drivers for the cultivation of the miracle plant [Synsepalum dulcificum (Schumach & Thonn.) Daniell] in Benin and Ghana. **Plants**, v. 10, n. 11, p. 2253. 2021.
- TEIXEIRA, R. V. G.; ARANEGA, G. F. S. A sociedade política e a funcionalidade do direito: da evolução histórica da sociedade ao papel do Poder Judiciário na pós-modernidade. **Revista de Estudos Constitucionais, Hermenêutica e Teoria do Direito (RECHTD)**, v. 8, n. 1, p. 62-73, 2016.
- TSELAESELE, N., Bultosa, G., Molapisi, M., Makhabu, S., Kobue-Lekalake, R., Haki, G. D. Plant-based traditional foods and beverages of Gumare Village, Botswana. **Food Production, Processing and Nutrition**, v. 5, n. 1, p. 28. 2023.
- USARSKI, F.; TEIXEIRA, A.; PASSOS, J. D. **Dicionário de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulus, Paulinas e Edições Loyola, 2022.
- WAGNER, R. **A invenção da cultura**. Cosac & Naify. 254 p. 2012.
- WALTERS, C.; BENDULO, P.; STOECKER, B. J. Assessment of dietary diversity, antenatal care, food taboos, meal frequency, and nutritional status of pregnant adolescents in rural Malawi: a cross-sectional study. **African Journal of Food, Agriculture, Nutrition and Development**, v. 19, n. 3, p. 14555-14570, 2019.
- WENCENLAU, J. F. C.; STRAUSS, A. O tabu do incesto e a bioantropologia. **Cadernos de Campo** (São Paulo-1991), v. 21, n. 21, p. 13-30, 2012.
- WFO. The World Flora Online. Disponível em:<<https://www.worldfloraonline.org/>>. Acesso em: 21 ago. 2023.
- WORMLEY, A. S.; COHEN, A; B. Pathogen prevalence and food taboos: A cross-cultural analysis. **Current Research in Ecological and Social Psychology**, v. 3, p. 100056, 2022.

APÊNDICE A

Tabus alimentares associados a plantas alimentícias identificadas

Família/Espécie	País	Tipo de tabu	Descrição do tabu	Parte utilizada	Uso alimentício	Sexo associado	Citação
Amaranthaceae/ <i>Amaranthus thunbergii</i> Moq.	Botsuana	TM	Proibido colher com as unhas, pois pode se tornar amargo.	F	v	H; M	Tselaele et al. (2023)
Anarcardiaceae/ <i>Sclerocarya birrea</i> (A.Rich.) Hochst.	Africa do Sul	TS	Os frutos só podem ser colhidos quando caídos no chão; caso contrário, os culpados teriam febre ou cobras apareceriam em suas propriedades. Apenas mulheres mais velhas que passaram pela menopausa têm permissão para colher as frutas.	FR, S, CS, M	Frutos comestíveis; Cerveja (<i>mukumbi</i>); óleo vegetal	M	Constant, Tshisikhawe (2018)
Annonaceae/ <i>Annona senegalensis</i> Pers.	Benin	TS	Alimento proibido para os iniciados do oráculo do <i>Fa</i> cujos sinais de iniciação eram governados por essas espécies.	FR	v	H; M	Quiroz, Van Andel (2015)
Araceae/ <i>Colocasia esculenta</i> (L.) Schott	Gabão	TS	Alimento proibido para os adeptos do <i>Bwiti</i> .	F	v	H; M	Quiroz, Van Andel (2015)
Arecaceae/ <i>Elaeis guineensis</i> Jacq.	Benin	TS	Alimento proibido para os iniciados do oráculo do <i>Fa</i> cujos sinais de iniciação eram governados por essas espécies.	FR	v	H; M	Quiroz, Van Andel (2015)
Asphodelaceae/ <i>Aloe saponaria</i> (Aiton) Haw.	África do Sul	TS	Famílias suazis com os sobrenomes <i>Matsenja, Mpamali, Ndzibandze e Nkozi Dlamini</i> , estes aloés específicos são proibidos, uma vez que as plantas devem ser "choradas quando alguém morre". Estas espécies são comumente usadas na	CP	v	H; M	Ogle, Grivetti (1985)

Suazilândia para marcar túmulos

Asphodelaceae/ <i>Aloe vanbalenii</i> Pillans	África do Sul	TS	Idem*	CP	v	H; M	Ogle, Grivetti (1985)
Asteraceae/ <i>Lactuca sativa</i> L.	Armênia	TS	Proibido consumo de alimentos descritos no sagrado livro “Yezidi Black Book”. Estritamente proibida para a família e é considerada pecado. Proibido tocar e plantar em quintais.	F	v	H; M	Hovsepyan et al. (2016)
Asteraceae/ <i>Helianthus annuus</i> L.	Armênia	TM	Planta proibida, pois cospe-se as cascas ao comer as sementes.	S	<i>in natura</i>	H; M	Hovsepyan et al. (2016)
Asteraceae/ <i>Athrixia elata</i> Sond.	África do Sul	TS	Famílias com os sobrenomes <i>Mkhaliqi</i> , <i>Ndzibandze</i> e <i>Vilakati</i> deveriam rejeitar os chás <i>Athrixia</i> , já que seus nomes de família estão associados, linguisticamente, ao termo vernáculo para esta espécie (<i>luphephetse</i>)	F	Chás	H; M	Ogle, Grivetti (1985)
Asteraceae/ <i>Athrixia phylloides</i> DC.	África do Sul	TS	Idem*	F	Chás	H; M	Ogle, Grivetti (1985)
Balsaminaceae/	Botsuana	TS	Comido apenas por mulheres; Não usar faca	FR, R	v	M	Tselaesele et

<i>Momordica balsamina</i> L.				para cortá-lo.				<i>al. (2023)</i>
Bignoniaceae/ <i>Kigelia africana</i> (Lam.) Benth.	Botsuana	TT		Proibido colher em outros períodos do dia exceto no início da manhã	FL, FR	v	H; M	Tselaesele et al. (2023)
Brassicaceae/ <i>Brassica oleracea</i> subsp. <i>capitata</i> (L.) Metzg.	Armênia	TS		Proibido consumo de alimentos descritos no sagrado livro “Yezidi Black Book”.	F	v	H; M	Hovsepyan et al. (2016)
Brassicaceae/ <i>Brassica oleracea</i> subsp. <i>botrytis</i> (L.) Metzg.	Armênia	TS		Estritamente proibidas para a família e é considerada pecado. Proibido tocar e plantar em quintais.	I	v	H; M	Hovsepyan et al. (2016)
Bromeliaceae/ <i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Gabão	TS		Alimento proibido para os adeptos do <i>Bwiti</i> .	FR	v	H; M	Quiroz, Van Andel (2015)
Cannabaceae/ <i>Celtis toka</i> (Forssk.) Hepper & J.R.I.Wood	Burquina Fasso	TS		Proibido apontar ou passar por baixo da planta (povo <i>Dafi</i>)	FR, F, CS, R, S	Folhas frescas em ensopado; consumo de frutas, folhas e sementes crus	H; M	Dabré et al. (2023)
Chrysobalanaceae/ <i>Maranthes chrysophylla</i> (Oliv.) Prance ex F.White	Gabão	TM		Proibido colher os frutos para qualquer adepto cujos pais ainda estivessem vivos.	FR	v	H; M	Quiroz, Van Andel (2015)
Cleomaceae/ <i>Cleome gynandra</i> L.	Botsuana	TM		Proibido colher com as unhas, pois pode se tornar amargo.	F	v	H; M	Tselaesele et al. (2023)
Crassulaceae/	Tailândia	TS		Proibido para gestantes	F	Cozido com frango	M	Srithi et al.

<i>Kalanchoe laciniata</i> (L.) DC.								(2012)
Crassulaceae/ <i>Phedimus</i> sp.	Tailândia	TS	Idem*	F	Cozido com frango	M	Srithi <i>et al.</i> (2012)	
Cucurbitaceae/ <i>Cucurbita pepo</i> L.	Armênia	TS	Proibido consumo de alimentos descritos no sagrado livro “Yezidi Black Book”.	FR	v	H; M	Hovsepyan <i>et al.</i> (2016)	
Cucurbitaceae/ <i>Cucurbita pepo</i> L.	Africa do Sul	TS	Não devem ser colhidas ou tocadas por mulheres menstruadas, caso contrário, acredita-se que o vegetal diminuirá de tamanho.	F, FL, R, S	Semelhante ao espinafre; Casca da abóbora com mingau (<i>thopi</i>)	M	Constant, Tshisikhawe (2018)	
Cucurbitaceae/ <i>Momordica boivinii</i> Baill	Africa do Sul	TS	Idem*	FR, R	v	M	Constant, Tshisikhawe (2018)	
Cucurbitaceae/ <i>Cucumis metuliferus</i> E.Mey. ex Naudin	Benin	TS	Alimento proibido para os iniciados do oráculo do <i>Fa</i> cujos sinais de iniciação eram governados por essas espécies.	FR	v	H; M	Quiroz, Van Andel (2015)	
Euphorbiaceae/ <i>Manihot esculenta</i> Crantz	Gabão	TS	Alimento proibido para os adeptos do <i>Bwiti</i> .	R	v	H; M	Quiroz, Van Andel (2015)	
Fabaceae/ <i>Tamarindus indica</i> L.	Uganda	TS	Para o povo <i>Jopadhola</i> , é proibido meninas e mulheres maduras escalarem árvores de tamarindo, pode azedar os frutos.	FR, F, S	Polpas	M	Othieno <i>et al.</i> (2017)	
Fabaceae/ <i>Vigna unguiculata</i> (L.) Walp	Botswana	TM	Proibido abrir as vagens com os dentes para evitar infestação ou ataque de roedores	GR, F	v	H; M	Tselaesele <i>et al.</i> (2023)	

Fabaceae/ <i>Vigna unguiculata</i> (L.) Walp.	Benin	TS	Alimento proibido para os iniciados do oráculo do <i>Fa</i> cujos sinais de iniciação eram governados por essas espécies.	GR	v	H; M	Quiroz, Van Andel (2015)
Fabaceae/ <i>Phaseolus</i> spp. L.	Armênia	TS	Proibido consumo de alimentos descritos no sagrado livro “Yezidi Black Book”.	GR	v	H; M	Hovsepyan et al. (2016)
Haemodoraceae/ <i>Xiphidium caeruleum</i> Aubl.	Tailândia	TS	Proibido para gestantes, pode causar contrações.	F	Cozido com frango	M	Srithi et al. (2012)
Liliaceae/ <i>Allium sativum</i> L.	Índia	TS	Comer alho em festivais religiosos é proibido.	B	v	H; M	Sharma et al. (2012)
Malpighiaceae/ <i>Banisteriopsis caapi</i> (Spruce ex Griseb.) C.V. Morton	Peru	TS	A dieta inadequada por antigo iquito ao tomar ácuta (<i>Banisteriopsis caapi</i>), poderia causar frequentemente erupções cutâneas.	x	v	H; M	Jernigan (2011)
Malvaceae/ <i>Abelmoschus esculentus</i> Moench	Armênia	TS	Proibido consumo de alimentos descritos no sagrado livro “Yezidi Black Book”.	FR	v	H; M	Hovsepyan et al. (2016)
Moraceae/ <i>Ficus insipida</i> Willd.	Peru	TS	Proibido quebrar a dieta com ojé (<i>Ficus insipida</i>) pode enlouquecer enquanto a seiva branca e resinosa da árvore sai de todos os orifícios do corpo.	x	v	H; M	Jernigan (2011)
Nyctaginaceae/ <i>Mirabilis jalapa</i> L.	Tailândia	TS	Proibido consumir a erva durante a gravidez, pode causar aborto	F	Cozido com frango	M	Srithi et al. (2012)

Poaceae/ <i>Sorghum bicolor</i> (L.) Moench.	Botsuana	TM	Proibido comer até estar maduro para evitar a introdução de pragas	GR, C	v	H; M	Tselaesele et al. (2023)
Poaceae/ <i>Sorghum bicolor</i> Kuntze	Benin	TS	Alimento proibido para os iniciados do oráculo do <i>Fa</i> cujos sinais de iniciação eram governados por essas espécies.	GR	v	H; M	Quiroz, Van Andel (2015)
Poaceae/ <i>Oryza sativa</i> L.	Indonésia	TS	É estritamente proibido defecar na junção do riacho para evitar “a ira do arroz”; proibido armadilhas e redes de pesca, pode atrair ratos ao arroz; proibido agricultores comerem e beberem enquanto se dirigem ao arrozal.	GR	Mingau	H; M	Manan et al. (2022)
Rubiaceae/ <i>Massularia acuminata</i> (G.Don) Bullock ex Hoyle	Gabão	TM	Proibido colher os frutos para qualquer adepto cujos pais ainda estivessem vivos.	FR	v	H; M	Quiroz, Van Andel (2015)
Sapotaceae/ <i>Synsepalum dulcificum</i> (Schumach. & Thonn.) Daniell	Benin e Gana	TS	Proibido urinar e atear fogo perto da árvore e tocar em suas raízes.	FR, F, CS, R, S, G	Utilizada como adoçante natural não nutritivo; corante de bebidas e preparação de iogurte.	H; M	Tchokponhoué et al. (2021)
Solanaceae/ <i>Brunfelsia grandiflora</i> D. Don	Peru	TS	Proibido o consumo de açúcar logo após tomar <i>sanango</i> (<i>Brunfelsia grandiflora</i>), a pessoa apresentará manchas brancas na cabeça.	x	v	H; M	Jernigan (2011)

TE= Tabus de espécies específicas; TH= Tabus de habitat; TM= Tabus de método; TS= Tabus de segmento; TT = Tabus temporais; TV= Tabus de história de vida. Idem* = Mesmo que citação anterior. H = Homens; M = Mulheres. B= Bulbos; F= Folhas; FL= Flores; FR= Frutos; C= Caule; CS= Cascas; CP= Coração da planta; G= Galhos; GR= Grãos; I= Inflorescência; M= Madeira; R= Raízes; S= Sementes; X= Ausente; V= Presente sem dados.

APÊNDICE B

Estudos origem de tabus alimentares associados a plantas alimentícias

Citação	Resumo	Palavras-chave	País	Delineamento e Duração do estudo	Endemismo das espécies
1985. OGLE, B. M.; GRIVETTI, L. E. Legacy of the chameleon: Edible wild plants in the kingdom of Swaziland, Southern Africa. A cultural, ecological, nutritional study. Part IV- nutritional analysis and conclusions. Ecology of Food and Nutrition, v. 17, n. 1, p. 41- 64.	<p>Este artigo apresenta dados culturais e ecológicos sobre divisão de trabalho, coleta, armazenamento e uso de plantas silvestres comestíveis. A principal responsabilidade pela recolha de plantas cabe às mulheres. A maior parte da coleta ocorre pouco antes da hora das refeições. Geralmente é coletado apenas o suficiente para uma refeição. Os Swazi raramente marcam as localidades favoritas onde as plantas selvagens são obtidas; fazer isso é considerado egoísta. Dos 211 adultos pesquisados, 50 cultivavam espécies silvestres comestíveis em hortas familiares; <i>Momordica</i> spp. e <i>Aloe saponaria</i> eram cultivadas com mais frequência. O comércio e a troca de espécies selvagens eram comuns entre vizinhos. Embora apenas 25% vendessem espécies silvestres, 46% relataram compras regulares. Foi encontrada associação significativa entre o aumento da idade e o número de espécies utilizadas. As crianças Suazis em idade escolar, no entanto, conheciam mais espécies totais do que os adultos na zona ecológica de Middleveld. Os machos suazis reconheceram significativamente menos espécies do que as fêmeas; menos imigrantes do que a etnia Swazi. Embora a dieta Swazi se concentre no milho branco, 39% dos adultos entrevistados relataram maior consumo anual de plantas selvagens do que de espécies domesticadas. No entanto, existe um estigma associado ao consumo de espécies selvagens: 21% não as serviriam aos convidados; cinco eram tabus para os suazis terem nomes de família específicos; as mulheres Suazis, geralmente, não</p>	África; Dieta; Plantas silvestres comestíveis; Hábitos alimentares; Coleta; Nutrição; Swazi; Suazilândia.	África do Sul	Entrevistas formais. Outubro a dezembro, 1981.	x

consomem frutos silvestres comestíveis quando visitam as suas futuras sogras.

2011. JERNIGAN, K. A. Dietary restrictions in healing among speakers of Iquito, an endangered language of the Peruvian Amazon. Journ al of ethnobiology and ethnomedicine, v. 7, p. 1-10.	A pesquisa etnobotânica foi realizada com falantes de Iquito, uma língua amazônica da família Zaparoan criticamente ameaçada. O estudo concentrou-se no conceito de "fazer dieta" (siyan++ni em Iquitol, uma prática que envolve proibições consideradas necessárias ao processo de cura. Essas restrições incluem 1) alimentos e atividades que podem agravar doenças, 2) influências ambientais que entram em conflito com alguns métodos de cura (por exemplo, banhos de vapor ou enemas) e 3) alimentos e atividades proibidos pelos espíritos de certas plantas medicinais poderosas. O estudo testou as seguintes hipóteses: H1-Cada restrição se correlacionará com elementos específicos nos modelos explicativos de doenças e H2 Doenças cujas explicações explicativas modelos com elementos personalistas mostrarão um maior número e variedade de restrições do que aqueles baseados no raciocínio naturalista. Métodos: O trabalho foi realizado em 2009 e 2010 na região de Alto Nanay, no Peru, em entrevistas estruturadas. os informantes forneceram modelos explicativos para categorias de doenças, incluindo etiologias, fisiopatologias, tratamentos e restrições alimentares necessárias para 49 doenças. Dezessete vouchers botânicos para espécies que dizem ter espíritos poderosos que requerem dietas também foram coletados. Resultados: Todas as restrições encontradas correspondem a algum aspecto dos modelos explicativos da doença. Trinta e cinco por cento correspondem a etiologias específicas de doenças, 53% correspondem a fisiopatologias específicas, 18% correspondem à gravidade geral da doença e 18% só são encontrados com formas específicas de tratamento. As dietas baseadas no raciocínio personalista têm um número médio de restrições significativamente maior do que aquelas	Iquito; Etnomedicina; Tabus dietéticos; Peru; Línguas ameaçadas.	Peru	Consentimento prévio informado (PIC); diretrizes éticas adotadas pela American Anthropologica l Association; entrevistas estruturadas. 2009-2010.	x

baseadas no raciocínio naturalista. Conclusões: A dieta desempenha um papel central na cura entre os falantes de Iquito. Proibições específicas podem ser explicadas em termos de aspectos específicos de etiologias, fisiopatologias e tratamentos. Embora a literatura amazônica contenha poucos estudos enfocando as proscrições dietéticas para uma ampla gama de doenças, algumas restrições específicas relatadas aqui correspondem a tendências observadas em outras sociedades amazônicas, particularmente aquelas relacionadas ao raciocínio simpático e aos usos mágicos e espirituais das plantas.

					x
2012. SHARMA, U. K., PEGU, S., HAZARIKA, D., & DAS, A. Medico- religious plants used by the Hajong community of Assam, India. Journal of ethnopharmacology, 143(3), 787-800.	O povo Hajong utiliza muitas plantas medicinais em seus diferentes rituais. As informações geradas a partir do presente estudo sobre as plantas médico-religiosas utilizadas pelas tribos Hajong necessitam de uma investigação fitoquímica minuciosa. Isto poderia ajudar na conscientização sobre a necessidade de conservação dessas plantas e também na promoção do conhecimento etno-médico-botânico na região, além de contribuir para a preservação e enriquecimento do banco genético dessas espécies economicamente importantes antes que sejam perdidas para sempre. As plantas médico-religiosas assim descobertas neste estudo deveriam ser avaliadas quanto à sua eficácia, através da qual novos medicamentos ou produtos poderiam ser lançados. Também é necessário documentar essas informações e compará-las com as de outras tribos do estado e da região. As doenças encontradas durante o trabalho de pesquisa na comunidade Hajong foram agrupadas em 11 categorias. A categoria de doenças inclui plantas utilizadas para doenças humanas e animais. Foram escolhidos para a entrevista os informantes com bom conhecimento sobre plantas médica-religiosas. Kabiraj ou Vaidyas também foram incluídos entre os informantes, embora não estivessem disponíveis em todas as aldeias. Os informantes foram questionados sobre a importância ritual e religiosa e as propriedades medicinais das plantas utilizadas nas diferentes práticas culturais. Cerca de 36 espécies de plantas, incluindo ervas, arbustos e árvores, são utilizadas para curar 51 doenças diferentes com 63 formulações registradas durante o estudo. A maior parte das plantas medicinais foi colhida na própria propriedade e remanescente da floresta. Os Hajongs fazem uso sustentável dos recursos naturais disponíveis que	Hajong; Etno médico- religioso; Assam; conservação; conhecimento tradicional	Índia	Entrevistas semiestruturadas. Frequência Relativa de Citação; Índice de Importância Relativa; Índice de Importância Cultural. Janeiro 2009 a junho 2011.	

incluem plantas medicinais e religiosas. Eles levam uma vida muito disciplinada. Eles são muito religiosos e conheedores. A pesquisa revelou que não apenas os Kabiraj, mas também os membros mais velhos da comunidade têm um bom conhecimento do valor medicinal de algumas plantas, geralmente aquelas espécies usadas para tratar doenças comuns como tosse, resfriado, febre, febre viral, dor de cabeça, dor de estômago, dor nas articulações, diarréia, disenteria, pequenos ferimentos e cortes, etc. Assim, são encontradas 36 plantas usadas por Hajong em diferentes práticas médico-religiosas. Estas são consideradas plantas sagradas. Essas plantas são estritamente protegidas pela comunidade. A conservação e gestão tradicionais por motivos culturais representam, portanto, uma contribuição histórica para a atual rica biodiversidade da região Conclusão: Todo o sistema de vida e as atividades socioeconómicas, bem como religiosas e culturais dos Hajongs eram totalmente dependentes das florestas. Refletiu o seu elevado conhecimento sobre plantas médico-religiosas, o que lhes permitiu aplicar os seus conhecimentos indígenas sobre vários aspectos da exploração de tais recursos. Diferentes tipos de espécies importantes desapareceram da área de estudo, o que acabou por criar problemas sociais, económicos e religiosos na comunidade Hajong. As informações geradas a partir do presente estudo sobre as plantas médico-religiosas utilizadas pelas tribos Hajong necessitam de uma investigação fitoquímica minuciosa. Isto poderia ajudar na conscientização sobre a necessidade de conservação dessas plantas e também na promoção do conhecimento etno-médico-botânico na região, além de contribuir para a preservação e enriquecimento do banco genético dessas

espécies economicamente importantes antes que sejam perdidas para sempre. . A cultura tradicional em diferentes áreas povoadas de Hajong está em declínio muito rápido, com muito conhecimento tradicional sob a influência da cultura dominante. A conservação da diversidade cultural é necessária urgentemente.

2012. SRITHI, K.; TRISONTHI, C.; WANGPAKAPA TTANAWONG, P.; BALSLEV, H. Medicinal plants used in Hmong women's healthcare in northern Thailand. Journal of Ethnopharmacology, 139(1), 119-135.	Estudámos o conhecimento tradicional de plantas medicinais utilizadas na saúde das mulheres em três aldeias Hmong no norte da Tailândia e determinamos a prevalência desse conhecimento. Documentamos práticas médicas tradicionais e determinamos quais das espécies utilizadas são culturalmente importantes entre os Hmong. Entrevistamos seis informantes-chave e 147 informantes não especializados sobre seus conhecimentos tradicionais sobre plantas medicinais utilizadas na saúde das mulheres Hmong. Selecioneamos nove espécies que eram conhecidas em todas as três aldeias como domínio para entrevistas por questionário com 181 informantes não especialistas adicionais selecionados aleatoriamente. Calculamos o Índice de Importância Cultural (IC) para cada espécie e categoria de uso. Testamos a normalidade dos dados, correlações de idade e correlações de gênero com testes de Kolmogorov-Smirnov, coeficiente de correlação de postos de Spearman, teste de Kruskal-Wallis e testes de Mann-Whitney. Documentamos o conhecimento tradicional de 79 plantas medicinais utilizadas na saúde da mulher. Destas, três espécies eram culturalmente importantes para os Hmong. Nossas entrevistas por questionário revelaram diferenças significativas no conhecimento de plantas medicinais tradicionais entre gêneros e faixas etárias. O povo Hmong, no norte da Tailândia, possui uma grande quantidade de conhecimentos tradicionais relacionados com os cuidados de saúde das mulheres e com as plantas utilizadas para este fim. No entanto, este conhecimento, mesmo para as espécies culturalmente importantes, não é possuído por todos os Hmong e houve sinais de erosão do conhecimento. A preservação do património intelectual Hmong relacionado com plantas medicinais utilizadas na	Importância cultural; Etnobotânica; Ginecologia; Plantas medicinais; Obstetrícia; Conhecimento tradicional.	Tailândia	Survey. Índice de Importância Cultural. Março 2010 a março 2011.	x	

saúde das mulheres requer uma disseminação intensiva do conhecimento tradicional à geração jovem Hmong.

2015. QUIROZ, D.; VAN ANDEL, T. Evidence of a link between taboos and sacrifices and resource scarcity of ritual plants. Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine,	Um dos principais obstáculos à integração das tradições religiosas como ferramentas para a conservação da natureza é a aplicabilidade limitada dos resultados da investigação neste domínio. Documentámos duas restrições diferentes implementadas pela população local (tabus e sacrifícios) relacionadas com o uso de plantas rituais no Benim (África Ocidental) e no Gabão (África Central). Para ver se estas restrições reflectiam a escassez de plantas de uma perspectiva ética (estatuto de ameaça oficial) e de um ponto de vista êmico (escassez percebida pela população local), conduzimos 102 entrevistas com curandeiros tradicionais e adeptos de crenças tradicionais. Documentamos um total de 618 plantas rituais, das quais 52	África; Benin; Bwiti; Etnobotânica; Gabão; Lista Vermelha da IUCN; Conservação de plantas; Espécies ameaçadas; Vodoun.	Gabão	Amostragem em cadeia; Pesquisa qualitativa: Questionários semiestrutura dos.	x
---	--	--	-------	--	---

v. 11, n. 1, p. 1-11. espécies foram utilizadas em ambos os países. No Benin, o uso de 63 das 414 espécies de plantas rituais foi restringido; enquanto no Gabão, 23 das 256 plantas rituais estavam associadas a tabus e sacrifícios. No Benim, as plantas sujeitas a restrições foram significativamente mais frequentemente ameaçadas oficialmente, consideradas escassas e ativamente protegidas do que as plantas não sujeitas a restrições. No Gabão, mais arborizado e menos densamente povoado, as plantas consideradas escassas foram mais frequentemente associadas a restrições locais do que as espécies oficialmente ameaçadas. Estes resultados comprovam a presença de uma forma de gestão adaptativa onde as restrições estão relacionadas com a escassez de recursos e a proteção de espécies de plantas rituais. Ao fornecer dados de base sobre espécies possivelmente ameaçadas, demonstramos como o uso de plantas no contexto das tradições religiosas pode produzir informações importantes para o planeamento da conservação.

					x
2016. HOVSEPYAN, R., GANDILYAN, N. S., MELKUMYAN, H., HARUTYUNYA N. L. Food as a marker for economy and part of identity: traditional vegetal food of Yezidis and Kurds in Armenia. Journal of Ethnic Foods, 3(1), 32-41.	A comida tradicional dos Yezidis e Curdos da Arménia apresenta algumas particularidades e diferenças em comparação com a cozinha tradicional dos Arménios. Correlacionamos estas distinções com o estilo de vida pastoral transumante do povo Yezidi e Curdo. Os pratos tradicionais dos Yezidis e dos Curdos são simples. Eles são principalmente feitos ou contêm como componente principal cordeiro e produtos lácteos (às vezes carne bovina e frango, mas nunca carne suína). Os principais componentes vegetais de sua alimentação tradicional são representados por cereais cultivados, grãos e ervas de plantas silvestres. As plantas comestíveis colhidas na natureza são utilizadas principalmente para fins nutricionais, para dar sabor a refeições preparadas e produtos lácteos e para chá.	Plantas comestíveis; Aromatizantes; Recolha; Curdos; Comida tradicional; Yazidis.	Armêni a	Método semiquantitativo. Entrevistas e observações diretas. 2013-2015.	

2017. OTHIENO, E. E., MUGISHA, A., NYEKO, P., KABASA, J. D. Knowledge, attitudes and practices in tamarind (<i>Tamarindus indica L.</i>) use and conservation in Eastern Uganda. Journal of ethnobiology and ethnomedicine, 13(1), 1-13.	Tamarindus indica L é uma das espécies indígenas de árvores frutíferas que tradicionalmente contribui para a segurança alimentar e a estabilidade dos ecossistemas na África Subsaariana. Nossa hipótese é que os povos indígenas do leste de Uganda usaram <i>T. indica</i> por gerações e desenvolveram práticas que promovem sua conservação e, portanto, esperávamos que eles possuíssem um elaborado sistema de conhecimento indígena (CI) e que a maioria deles tivesse plantado a espécie. O objetivo deste estudo foi avaliar a influência do CI, atitudes e práticas no uso e conservação de <i>T. indica</i> . Foi realizado um levantamento transversal em dois distritos selecionados propositalmente da área de distribuição natural de <i>T. indica</i> . Discussões em grupos focais, entrevistas com informantes-chave, entrevistas semiestruturadas e observação foram usadas para coletar dados. Os dados foram processados utilizando métodos analíticos qualitativos. <i>Tamarindus indica</i> era muito valorizado pela maioria da população. <i>Tamarindus indica</i> foi utilizado para fins alimentares, medicinais, culturais, sociais, ambientais e de geração de renda. A população possuía um alto nível de conhecimento sobre <i>T. indica</i> evidenciado por 18 categorias de usos e múltiplos modos de uso. A polpa da fruta foi o produto de tamarindo mais utilizado. A frequência relativa de citação dos diferentes usos fornece informações sobre os níveis de uso e o CI possuído. Os usos alimentares e medicinais das comunidades concordaram com relatórios científicos sobre os benefícios para a saúde do consumo de <i>T. indica</i> . Aproximadamente metade dos entrevistados tinha <i>T. indica</i> em seus terrenos ou quintais (53%). Cinquenta e dois por cento da população de tamarindo foi autopropagada, 45% foram plantados	<i>Tamarindus indica L.</i> ; Conhecimento indígena; Conservação; Uganda.	Uganda	Técnica bola de neve. Pesquisa transversal. Discussão em grupos focais (<i>Focal Group Discussions-FGD</i>). Entrevistas semiestruturadas. Outubro 2010 a fevereiro 2011.	x
---	--	---	--------	---	---

enquanto o histórico de propagação dos 3% restantes não era conhecido. As restrições ao plantio de *T. indica* incluíam terras limitadas, longo período de maturação e baixo valor monetário. Cinquenta e três por cento dos que cultivavam *T. indica* não realizavam quaisquer práticas silviculturais. A maioria das *T. indica* encontradas (87%) foram consorciadas com outras culturas ou árvores. Persistem diversas crenças e tabus em relação à *T. indica*. *Tamarindus indica* possui alto valor de uso na área de estudo evidenciado por múltiplos usos. O conhecimento e os usos indígenas concordaram com os atributos nutricionais e medicinais cientificamente comprovados da *T. indica* na literatura, o que é significativo dadas as tendências atuais em direção a alimentos funcionais acessíveis. O elevado nível de CI não se traduziu em altas taxas de plantio de *T. indica*. É necessário incentivar a adição de valor para maximizar os benefícios da *T. indica* e melhorar a conservação.

						N
2018. CONSTANT, N. L.; TSHISIKHAWE, M. P. <i>Hierarchies of knowledge: ethnobotanical knowledge, practices and beliefs of the Vhavenda in South Africa for biodiversity conservation.</i> J ournal of ethnobiology and ethnomedicine, v. 14, p. 1-28.	Os sistemas de conhecimento indígenas e locais são caracterizados por um complexo de “conhecimento-prática-crença” que desempenha um papel crítico para a gestão e conservação da biodiversidade em terras indígenas. No entanto, poucos estudos levam em consideração a relação interligada entre os processos sociais que sustentam a acumulação, geração e transmissão de conhecimento. O estudo baseia-se na investigação etnobotânica para explorar os usos, práticas e sistemas de crenças das plantas desenvolvidos entre os indígenas Vhavenda na África do Sul para sustentar os recursos vegetais indígenas e destaca algumas das forças de mudança que influenciam a aquisição e transmissão de conhecimento. Os dados foram coletados de setembro a novembro de 2016 de 31 indivíduos por meio de entrevistas semiestruturadas; passeios em hortas caseiras, campos cultivados, florestas montanhosas e matas caducifólias; e comprovação de espécies de plantas em seis aldeias (Duthuni, Tshidzivhe, Vuvha, Lwamondo, Mashau e Tshiendeulu) no distrito de Vhembe, na África do Sul. O Índice de Valor de Uso (IUV) foi utilizado para medir o número de usos diferentes de cada espécie e o Índice de Frequência Relativa (IRF) para medir a importância local de cada espécie. Entrevistas semiestruturadas e comparações com trabalhos publicados também exploraram práticas culturais e sistemas de crenças associados a plantas, modos e barreiras de transmissão de conhecimento. Oitenta e quatro espécies de plantas foram relatadas em 44 famílias, com Fabaceae representando a maior diversidade de espécies de plantas. Identificamos seis espécies não documentadas anteriormente na literatura etnobotânica de Vhavenda, 68 novos usos de plantas e outras 14 variações de usos	Etnobotânica; Conhecimento indígena e local; Conhecimento ecológico tradicional; Conservação da biodiversidade; Gestão sustentável; Vhavenda; Transmissão de conhecimento.	Africa do Sul	Pesquisa qualitativa: Entrevistas semiestruturadas. Índice de Valor de Uso (IUV) e Índice de Frequência Relativa (RFI).	Setembro a novembro, 2016.	

conhecidos. As plantas de Vhavenda eram predominantemente utilizadas para alimentação (36,0%) e medicamentos (26,1%) e consistiam principalmente de espécies nativas (73,8%) em comparação com espécies não nativas (26,2%). Os Vhavenda possuem uma gama de práticas de gestão de recursos vegetais que podem ser atribuídas a tabus que impedem o uso de espécies selecionadas, promoção de práticas de colheita sustentáveis e propagação de espécies vegetais para restauração ecológica. O conhecimento e as práticas de manejo das plantas foram transmitidos por parentes (48,4%), autodidatas através do tempo gasto plantando e colhendo plantas na terra (19,4%), através de estágios com curandeiros tradicionais (16,1%), escolas de iniciação (9,7%) e reuniões de clãs (6,4%). As mudanças nas plataformas de aprendizagem tradicionais para a troca de conhecimento, a erosão das instituições culturais e a mudança dos sistemas de valores servem como barreiras à transmissão de conhecimento entre os Vhavenda. O estudo aponta para a necessidade de novas parcerias serem estabelecidas entre conservacionistas, atores governamentais e detentores de conhecimento local e indígena para promover a coprodução de conhecimento híbrido para o desenvolvimento de estratégias para aumentar a produtividade e a biodiversidade das terras indígenas.

					N
2021. TCHOKPONHO UÉ, D. A. et al. Use patterns, knowledge diversity and drivers for the cultivation of the miracle plant [Synsepalum dulcificum (Schumach & Thonn.) Daniell] in Benin and Ghana. Plants, v. 10, n. 11, p. 2253.	Apesar do interesse crescente pela planta milagrosa em todo o mundo devido às suas inúmeras aplicações, as ameaças e a colheita selvagem da espécie dificultam a sua utilização sustentável. Além disso, o conhecimento tradicional até agora documentado sobre a espécie está limitado a uma estreita cobertura geográfica da sua área de distribuição natural, que é a África Ocidental e Central. Este estudo analisou a variação do uso e o padrão de aquisição de conhecimento da planta milagrosa entre os grupos sociolinguísticos da África Ocidental e decifrou os impulsionadores da vontade e prontidão das populações para se envolverem no cultivo da espécie. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 510 entrevistados seleccionados propositalmente de nove grupos sociolinguísticos no Benim e no Gana, utilizando a abordagem de amostragem em bola de neve. Foram coletadas informações sobre o perfil sociodemográfico dos entrevistados, propriedade de plantas milagrosas, partes da planta utilizadas e métodos de preparação, conhecimento da bioecologia das espécies, ameaças percebidas sobre as espécies, disposição para cultivar, área máxima a ser alocada para a espécie e preço máximo a pagar. para uma muda. Estatística descritiva, modelos lineares generalizados, modelos de classificação e árvore de regressão foram utilizados para análise dos dados. O modo de propriedade da planta milagrosa dependia da faixa etária. A filiação sociolinguística, o nível de escolaridade, o estatuto migratório e a religião afectaram significativamente o número de árvores possuídas. Registámos 76 utilizações pertencentes a seis categorias de utilização. O valor de uso global da planta milagrosa variou significativamente de acordo com a filiação sociolinguística do entrevistado,	<i>Richardella dulcifica</i> ; Importância cultural; Conhecimento tradicional; NUS; Aquisição de conhecimento; Disposição para cultivar	Benin e Gana	Pesquisa qualitativa: Entrevistas semiestruturadas. Técnica Bola de neve.	

atividade principal e religião. Os homens eram a principal fonte de conhecimento e o conhecimento é adquirido principalmente ao longo da linha familiar. Os conhecimentos relacionados à alimentação e aos usos sociais foram adquiridos em sua maioria dos pais e pessoas da mesma geração, enquanto os conhecimentos mágico-terapêuticos e de uso medicinal foram herdados dos pais e avós. A afiliação sociolinguística, a consciência dos tabus e a disponibilidade de mercado foram os impulsionadores mais importantes da vontade dos entrevistados em cultivar a planta milagrosa. Embora o nível de escolaridade do entrevistado e a percepção da taxa de crescimento das plantas determinassem a área máxima que eles estavam dispostos a alocar às espécies em esquemas de cultivo, sua atividade principal, afiliação sociolinguística e conhecimento do tempo de frutificação da espécie determinaram o preço máximo de compra que eles estavam dispostos oferecer por uma muda da espécie. Nossas descobertas fornecem informações importantes para a promoção do cultivo de plantas milagrosas na área de estudo.

2022. MANAN, A. et al. Paddy cultivation rituals in South Acèh, Indonesia: An ethnographic study in West Labuhan Haji. Cogent Social Sciences, v. 8,	O arroz é um alimento básico que às vezes recebe uma apreciação especial e única de seus consumidores e produtores. Este estudo discute rituais de cultivo praticados como adat nas aldeias Blang Poroh e Kuta Ibôh em West Labuhan Haji, distrito de South Acèh. Nestas aldeias, os agricultores ainda sentem necessidade de tratar o arroz conforme as instruções do adat, que está agora à beira da extinção devido à modernidade imparável. Os formulários de dados são mitos relacionados ao arroz e todos os rituais realizados até a colheita. As descobertas revelam que, uma vez que os agricultores acreditam que o arroz tem a mesma	Adat; Beureukat; Ritual de cultivo; Seumangat; Acèh do Sul.	Indonésia	Métodos descritivos-qualitativos. Técnica de observação, entrevista e discussão aprofundada.	N
--	---	---	-----------	--	---

n. 1, p. 2094075.	origem dos humanos, ele é metaoricamente considerado uma criança humana. A crença é baseada no mito do profeta Adão sacrificando a alma de sua filha para obter as primeiras sementes de arroz. Essa crença tornou-se parte constituinte dos agrários de Aneuk Jamee nos locais deste estudo. Uma série de rituais para aumentar a produção pode conter os ataques de pragas. Alguns tabus devem ser tidos em conta, desde a plantação do arroz até ao seu armazenamento no celeiro para manter o seu seumangat (espírito de vida), enchendo-o assim de beureukat (bênção) que pode saciar a fome e reduzir o consumo.				
2023. DABRÉ, Z. et al. Ethnobotany and conservation of species <i>Celtis</i> <i>toka</i> (Forssk.) Hepper & JRI wood: A way forward for sustainable use in Burkina Faso. Heliyon.	Celtis toka (C. toka), uma planta mística criticamente ameaçada, é uma espécie de árvore multiuso altamente valorizada e superexplorada pela população local em Burkina Faso. A etnobotânica de C. toka pode levar ao seu uso sustentável, portanto é um grande desafio porque há pouca informação disponível sobre este aspecto relativamente às espécies no Burkina Faso, bem como em África. Assim, este estudo visa avaliar o uso e gestão sustentável de C. toka em Burkina Faso. O estudo foi realizado ao longo de um gradiente climático (zonas climáticas Sudanesas e Sudano-Sahelianas) no Burkina Faso. Os dados foram coletados aleatoriamente por meio de entrevistas semiestruturadas selecionadas com 405 informantes (148 mulheres e 257 homens) selecionados aleatoriamente em 34 aldeias e 25 grupos etnolinguísticos. A frequência de citação foi computada. Foram realizadas análises de teste de Kruskal-Wallis, teste de Man n-Whitney e modelos lineares generalizados para determinar quaisquer informações que variassem de acordo com o local e parâmetros sociodemográficos. Entre as oito categorias de uso, alimentação (27,89%), pecuária	África hackberry; Zonas climáticas; Conhecimento local; Sustentabili de; África Occidental.	Burqui na Fasso	Pesquisa qualitativa: Entrevistas semiestruturad as. Frequênci Relativa de Uso (FR), Nível de Fidelidade (FL), Diversidade de Uso (UD) e Equitabilidade de Uso (UE).	x Novembro, 2020 a Janeiro, 2022.

(18,97%), sombra (16,23%) e farmacêutica (14,92%) foram as mais registradas. Folhas (63,83%), raízes (19,20%) e cascas (17,11%) foram as partes da planta mais valorizadas. Todas as partes das plantas foram usadas para curar 29 doenças de 37 maneiras. As doenças mais comuns tratadas por *C. toka* foram deficiências vitamínicas (FL = 8,84%), malária (FL = 8,44%), gesso (FL = 5,84%), loucura (FL = 3,25%), dor nos olhos (FL = 2,77%) e febre amarela (FL = 2,60%). Florestas sagradas (39%) e áreas protegidas (27%) foram os principais biótopos de *C. toka*. O valor de *C. toka* foi bem valorizado nos locais de estudo. A frequência de citação de alguns padrões de uso e partes de plantas variou significativamente entre alguns grupos etnolinguísticos, sexo e níveis de geração ($p < 0,05$).

Faltaram manejos como semeadura (0%), transplante de mudas (0%) e regeneração natural assistida (0%).

Personagens sagrados (37,99%), tabus (25,04%), místicos (11,62%), mágicos (10,28%), fetichistas (8,96%) e médico-mágicos (6,12%) de *C. toka* determinaram as estratégias tradicionais de conservação da espécie em Burkina Faso.

Nossos resultados recomendam que as políticas de conservação e uso sustentável de *C. toka* sejam priorizadas. Além disso, os estudos devem, portanto, enfatizar o potencial de domesticação de *C. toka* para as suas partes vegetais.

2023. TSELAESELE, N et al. Plant- based traditional foods and beverages of Gumare Village, Botswana. Food Production, Processing and Nutrition, v. 5, n. 1, p. 28.	O consumo de alimentos e bebidas tradicionais e indígenas varia entre as diferentes comunidades étnicas e é frequentemente influenciado pela localização geográfica. No entanto, a diversidade de plantas comestíveis está a diminuir rapidamente devido às alterações climáticas, levando a uma perda de conhecimento sobre plantas úteis utilizadas por diferentes comunidades antes da própria planta se tornar extinta. Esta investigação investigou os tipos de plantas comestíveis e investigou as etapas de processamento de alimentos/pratos e bebidas tradicionais à base de plantas da aldeia de Gumare, localizada na área de influência do Delta do Okavango, no noroeste do Botswana. Foram utilizadas entrevistas por questionário e discussões em grupos focais (FGD) para recolher dados. O estudo identificou 52 plantas comestíveis silvestres e 19 domesticadas utilizadas na preparação de alimentos/pratos e bebidas tradicionais da aldeia Gumare. Milho, sorgo, milheto, feijão, melão, melancia, abóbora, cabaça e batata doce são culturas domesticadas amplamente utilizadas. As plantas silvestres comestíveis são utilizadas diretamente após pequenos processamentos ou como receitas de pratos tradicionais e/ou como inóculo na fermentação, como substrato em bebidas tradicionais e algumas como plantas medicinais. No entanto, foram observados alguns tabus e desafios de segurança alimentar no uso de determinadas plantas. O estudo destacou um declínio no uso de alimentos/pratos e bebidas tradicionais, especialmente entre a geração mais jovem. Os jovens indicaram que têm pouco interesse na recolha de alimentos e bebidas tradicionais devido à natureza demorada durante a colheita e ao processamento intensivo em mão-de-obra. Além disso, indicaram os perigos dos ataques de animais selvagens de	Bogobe Jwa Babu; Bogobe Jwa Torobela; Bogobe Jwa Nxoko; Botsuana; Gumare; Alimentos indígenas; Plantas silvestres comestíveis.	Botsua na	Pesquisa qualitativa: Questionários/ Discussão em grupos focais (Focal Group Discussions- FGD)	x	

savana, de répteis (por exemplo, cobras e pítons) e jacarés (crocodilos) de rios durante a colheita de matérias-primas utilizadas em alimentos e pratos tradicionais. Para as comunidades, as diversas plantas silvestres comestíveis documentadas são uma fonte de nutrientes e compostos bioactivos, como fibras alimentares, fenólicos, terpenos, óleos essenciais, carotenóides e alcalóides que ajudam a combater a desnutrição e podem ser usados como medicamentos tradicionais para apoiar a saúde e o bem-estar. . Em conclusão, a diversidade significativa de plantas silvestres comestíveis e culturas domesticadas na aldeia de Gumare, provavelmente devido à sua localização na área de influência do Delta do Okavango, desempenha um papel crucial na diversificação da dieta e pode contribuir para a segurança alimentar e nutricional. No entanto, para a maioria das plantas silvestres comestíveis do Botswana, as informações sobre os seus nutrientes e compostos bioactivos ainda são limitadas. Este estudo fornece informações básicas para futuras investigações químicas e desenvolvimento de recursos na formulação de alimentos funcionais e nutracêuticos.
